

Ellen G. White



Em
busca
de

ESPERANÇA

O maior resgate
de todos os tempos



O maior resgate de todos os tempos

Ellen G. White

Tradução
Ivan Schmidt

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

Textos selecionados do original em inglês:
THE STORY OF REDEMPTION

*Direitos de tradução e publicação
em língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-000 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

1ª edição

10ª impressão: 300 mil exemplares

Tiragem acumulada: 2,707 milhões

2016

Editoração: Paulo Roberto Pinheiro

Eduardo Rueda

Lucas Diemer de Lemos

Michelson Borges

Vanderlei Dorneles

Revisão: Luciana Gruber

Designer Gráfico: Alexandre Rocha e Fábio Fernandes

Capa: Levi Gruber

Imagem de Capa: Pixel Memoirs / Shutterstock

IMPRESSO NO BRASIL / *Printed in Brazil*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Ellen G., 1827-1915.

Em busca de esperança : o maior resgate de
todos os tempos / Ellen G. White ; tradução Ivan
Schmidt. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira,
2016

Título original: The story of redemption.

ISBN 978-85-345-2302-8

1. Adventistas - Doutrinas 2. Adventistas do
Sétimo Dia - Doutrinas 3. Bíblia - História dos
eventos bíblicos 4. Redenção I. Título.

16-03066

CDD-230.6732

Índices para catálogo sistemático:

1. Adventistas do Sétimo Dia : Doutrinas :
Cristianismo 230.6732



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por
qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* da Editora.

Tipologia: Fairfield LT Std, 10,3/12,5 – 15766/35185

ATENÇÃO

As referências aos livros bíblicos estão abreviadas de acordo com o padrão utilizado nas Bíblias em geral. Se necessário, veja nas primeiras páginas de sua Bíblia o índice de abreviaturas. As versões bíblicas adotadas neste livro são: Almeida Revista e Atualizada (2ª edição), Almeida Revista e Corrigida, Nova Versão Internacional e Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

Sumário

Introdução	4
1. A rebelião	5
2. O princípio	10
3. A tragédia.....	12
4. A promessa	23
5. O código.....	30
6. O libertador	37
7. A conquista.....	47
8. O afastamento.....	53
9. A purificação	63
10. O liuramento	66
11. A sentença	70
12. O recomeço	78

Introdução

Desde a infância, aprendemos que existem duas forças contrárias no mundo: o bem e o mal. Esses poderes estão em constante conflito, e as evidências dessa luta são percebidas em praticamente tudo ao nosso redor. Amor e ódio, alegria e tristeza, paz e guerra, saúde e doença, vida e morte fazem parte de nossa realidade. E, em meio a esse turbilhão de ideias e forças opostas, surgem perguntas inquietantes como: Por que o mal e o sofrimento existem? Por que muitas vezes o mal parece prevalecer sobre o bem? De que lado vale a pena estar?

O pequeno livro que você tem em mãos pode parecer comum, mas não é. Ele abrirá seus olhos para um mundo que talvez você nunca tenha acreditado que existisse. Despertará sua consciência para questões sobre as quais talvez você ainda não tenha pensado o suficiente. Então você perceberá que a guerra entre o bem e o mal é muito mais ampla do que se imagina e que o campo de batalha é você – sua mente, sua vida, suas decisões e seu destino eterno!

Este exemplar é uma seleção de capítulos e uma adaptação da obra *História da Redenção*, de Ellen G. White. Nela, a autora apresenta um panorama do grande conflito entre Deus e os poderes das trevas e os resultados desse combate em nosso planeta. Ela narra de modo envolvente as principais intervenções divinas na história e descreve com detalhes impressionantes o plano do Criador para resgatar o ser humano de sua evidente degradação.

Nas páginas a seguir, você encontrará esperança e entenderá que, nesta guerra cósmica, já existe um vencedor. Conheça melhor essa história, pois você faz parte dela.

Os editores



A rebelião

O universo criado por Deus era perfeito e estava em plena harmonia. Todos os seres viviam em alegria e estavam satisfeitos com sua existência. Porém, essa harmonia foi quebrada com o surgimento de uma nota discordante.

Antes de sua rebelião, Lúcifer era um anjo nobre, o primeiro em honra depois do amado Filho de Deus. Seu rosto, como o dos outros anjos, era suave e expressava felicidade. Sua forma era perfeita, e seu porte, majestoso. Uma luz especial resplandecia de seu rosto e brilhava ao seu redor, mais viva do que ao redor dos outros anjos. No entanto, o Filho de Deus tinha preeminência sobre todo o exército angelical.

O Deus criador convocou, então, os exércitos celestiais para conferir honra especial ao Filho, na presença de todos os anjos. Cristo estava assentado no trono junto ao Pai, e a multidão celestial de santos anjos estava reunida ao redor. O Pai anunciou que Cristo, Seu Filho, era igual a Ele, de modo que, em qualquer lugar que estivesse presente o Filho, isso valeria por Sua própria presença. A palavra do Filho seria obedecida tão prontamente como a palavra do Pai. Portanto, o Filho estava investido de autoridade para comandar os exércitos celestiais. Ele trabalharia especialmente em união com o Pai no plano da criação da Terra e de cada ser vivente que devia habitar nela. O Filho cumpriria a vontade e os propósitos do Pai, mas nada faria sozinho. A vontade do Pai seria realizada por meio dEle.

Lúcifer sentiu inveja e ciúmes do filho de Deus. Mesmo assim, quando todos os anjos se curvaram diante de Jesus, reconhecendo Sua supremacia, grande autoridade e direito de governar, Lúcifer se curvou com eles, mas seu coração estava cheio de inveja e rancor. Cristo fazia parte do conselho especial de Deus que tratava dos planos divinos, enquanto Lúcifer desconhecia tudo isso. Ele não compreendia, nem lhe fora permitido conhecer os propósitos de Deus. No entanto, Cristo era reconhecido como o soberano do Céu. Seu poder e autoridade eram os mesmos de Deus.

Lúcifer se considerava o favorito entre os anjos. Ele era grandemente exaltado, mas isso não despertava nele louvor e gratidão ao Criador. Ao contrário, ele desejava a superioridade do próprio Deus. Gloriava-se em sua exaltação. Sabia que era honrado pelos anjos e tinha uma missão especial a desempenhar. Ele estivera perto do Criador, e o resplendor incandescente da gloriosa luz que cercava o Deus eterno havia brilhado sobre ele. Admirava-se de como os anjos obedeciam a seu comando com entusiasmo. Não era sua aparência bela e brilhante? Por que Cristo deveria ser honrado acima dele?

Cristo era reconhecido como o soberano do Céu. Seu poder e autoridade eram os mesmos de Deus.

Ele deixou, então, a imediata presença do Pai, insatisfeito e cheio de inveja de Cristo. Dissimulando seu verdadeiro propósito, convocou os exércitos angelicais. Introduziu o assunto, que era ele mesmo. Como alguém afligido, relatou a preferência que Deus dera a Jesus e como desprezara a ele. Afirmou que, dali em diante, toda a doce liberdade que os anjos tinham desfrutado estava no fim. Pois havia sido posto sobre eles um governador, a quem deviam, dali para frente, render honra servil.

Lúcifer declarou que os tinha reunido para garantir que ele não mais se submeteria à violação de seus direitos nem dos deles; que nunca mais se prostraria diante de Cristo; que assumiria a honra que lhe devia ter sido conferida e que seria o comandante de todos aqueles que se dispusessem a segui-lo e obedecer à sua voz.

Houve controvérsia entre os anjos. Lúcifer e seus simpatizantes diziam lutar para reformar o governo de Deus. Estavam descontentes e infelizes porque não conseguiam entender a insondável sabedoria divina nem o propósito em exaltar o Filho e dar a Ele tal ilimitado poder e comando. Assim, eles se rebelaram contra a autoridade do Filho de Deus.

Os anjos leais e sinceros procuraram reconciliar o poderoso rebelde à vontade de seu Criador. Justificaram o ato de Deus em conferir honra ao Filho e, com fortes argumentos, tentaram convencer Lúcifer de que ele não tinha menos honra agora do que antes de o Pai proclamar a autoridade conferida ao Filho.

Mostraram claramente a ele que Cristo era o Filho de Deus e que existia com Ele antes que os anjos fossem criados; que sempre estivera à direita de Deus e que Sua amorosa autoridade nunca fora questionada; e que Ele não tinha dado ordens que não fossem uma alegria para o exército celestial cumprir.

Eles diziam que o fato de Cristo receber honra especial do Pai, na presença dos anjos, não diminuía a honra que Lúcifer havia recebido até então. Os anjos choraram. Ansiosamente tentaram levá-lo a renunciar ao mau desígnio e render submissão ao Criador, pois, até então, tudo tinha sido paz e harmonia. O que podia originar essa voz discordante e rebelde?

Lúcifer recusou ouvi-los. Então, se afastou dos anjos leais e sinceros, chamando-os de escravos. Esses anjos leais a Deus ficavam pasmos ao ver que Lúcifer era bem-sucedido em seu esforço para incitar a rebelião. Ele prometia um novo e melhor governo do que tiveram até então, no qual todos seriam livres. Um grande número manifestou o desejo de aceitá-lo como líder e principal comandante. Ao ver que suas primeiras iniciativas alcançaram sucesso, ele se vangloriava de que ainda haveria de ter todos os anjos ao seu lado, que seria igual ao próprio Deus e que sua voz de autoridade seria ouvida no comando de todo o exército celestial.

Novamente os anjos leais o advertiram e alertaram sobre as consequências, caso ele persistisse. Afirmavam que Aquele que pôde criar os anjos tinha poder para retirar deles toda a autoridade e, de alguma forma notável, punir sua audácia e terrível rebelião. Como poderia um anjo resistir à vontade de Deus, que é tão sagrada quanto Ele mesmo? Os anjos leais alertaram os rebeldes a fechar os ouvidos aos argumentos enganadores de Lúcifer. Advertiram a ele e aos demais que tinham sido afetados a que fossem a Deus e confessassem o engano, até mesmo por admitir um pensamento que colocasse em dúvida a autoridade divina.

Muitos dos simpatizantes de Lúcifer ouviram o conselho dos anjos leais, arrependeram-se de sua insatisfação e tiveram novamente a confiança do Pai e do Filho amado. O grande rebelde declarou então que estava familiarizado com as leis de Deus e que, caso se submetesse a uma obediência servil, seria destituído de sua honra. Nunca mais poderia ser incumbido de sua função elevada. Disse que ele e seus simpatizantes haviam ido muito longe para voltar, que enfrentaria as consequências e que nunca mais se prostraria para adorar humildemente o Filho de Deus. Afirmou que Deus não os perdoaria e que agora precisavam garantir a

liberdade e conquistar pela força a posição e a autoridade que não lhes fora concedida voluntariamente.¹

Os anjos leais se apressaram para relatar ao Filho de Deus o que havia acontecido entre os anjos. Encontraram o Pai em reunião com o Filho para determinar os meios pelos quais, para o bem-estar dos anjos fiéis, a autoridade assumida por Satanás deveria ser retirada para sempre. O grande Deus podia imediatamente lançar do Céu esse arquienganador, mas esse não era Seu propósito. Queria dar aos rebeldes uma oportunidade igual para medirem sua força e seu poder com os do próprio Filho e de Seus anjos leais.

Nessa batalha, cada anjo escolheria um lado, o qual seria manifestado a todos. Não teria sido seguro tolerar que os partidários de Satanás em sua rebelião continuassem a ocupar o Céu. Ele tinham desenvolvido um conceito de aberta rebelião contra o imutável governo de Deus, e isso era irremediável. Se Deus tivesse exercido Seu poder para punir o líder rebelde, os anjos descontentes não teriam se revelado. Então, Deus tomou outra direção, pois queria manifestar Seu padrão de justiça e juízo distintamente a todo o exército celestial.

Guerra no Céu – Rebelar-se contra o governo de Deus foi o maior crime. Todo o Céu parecia estar em comoção. Os anjos foram colocados em ordem por companhias, cada divisão com o anjo comandante à sua frente. Satanás estava guerreando contra a lei de Deus, a base de Seu governo, por causa da ambição de exaltar a si mesmo e por não desejar se submeter à autoridade do Filho de Deus, o grande comandante celestial.

Todo o exército celestial foi convocado para comparecer diante do Pai, a fim de que cada caso ficasse decidido. Satanás expressou ousadamente sua insatisfação pelo fato de Cristo ter sido preferido em vez dele. Permaneceu orgulhoso e insistia na ideia de que precisava ser igual a Deus e ter uma audiência com o Pai a fim de entender Seus propósitos. Deus informou a Satanás que apenas o Filho conheceria Seus propósitos secretos e que exigiria de toda a família celestial, e mesmo de Satanás, que rendessem a Ele sincera e inquestionável obediência; mas que ele (Satanás) tinha provado ser indigno de ter um lugar no Céu.

O inimigo apontou orgulhosamente para seus simpatizantes, uma boa parte dos anjos do Céu, e exclamou: “Eles estão comigo! Irás expulsar

¹ Foi assim que Lúcifer, que significa “portador de luz”, se tornou Satanás, o “adversário”.

também a estes e deixar um vazio no Céu?” Então, declarou que estava preparado para resistir à autoridade de Cristo e defender seu lugar no Céu pela força de seu poder. Força contra força.

Os anjos leais choraram ao ouvir as palavras de Satanás e sua exaltada arrogância. Deus declarou que os rebeldes não mais podiam permanecer no Céu. Seu estado nobre e feliz tinha sido conservado sob a condição de obediência às leis que Deus dera para governar os mais diversos seres criados. Mas nenhuma provisão tinha sido feita para salvar os que se aventurassem a transgredir essas normas.

Então Satanás se tornou mais ousado em sua rebelião e expressou seu desprezo à lei do Criador. Declarou que os anjos não precisavam de normas, que deviam ser livres para seguir a própria vontade, a qual os guiaria sempre retamente. Declarou que a lei divina era uma restrição à liberdade e que a abolição dessa lei era um dos grandes objetivos da posição que havia assumido.

Ele acreditava que a condição dos anjos precisava de aperfeiçoamento. Mas Deus não pensava assim, pois criara a lei e a ordem e as exaltara como a Si mesmo. A felicidade de todos os anjos dependia de perfeita obediência às leis divinas. Cada um tinha um trabalho especialmente designado e, antes da rebelião de Satanás, havia ordem perfeita e ação harmoniosa no Céu.

Então houve guerra no Céu. O Filho de Deus, o príncipe celestial, e Seus anjos leais se empenharam em um conflito contra o grande rebelde e com aqueles que haviam se unido a ele. Cristo e os anjos fiéis prevaleceram; e Satanás e seus simpatizantes foram expulsos do Céu. Todo o exército celestial reconheceu e adorou o Deus da justiça. Nenhum traço de rebelião foi deixado no Céu. Tudo voltou à paz e à harmonia de antes. Os anjos do Céu lamentaram o destino daqueles que foram seus companheiros de felicidade e alegria. Sua perda foi sentida no Céu.

O Pai consultou o Filho com respeito à execução imediata de Seu propósito de criar o ser humano para habitar a Terra. A princípio, este seria submetido a um teste, a fim de ser verificada sua lealdade, para então ser deixado eternamente fora de perigo. Se ele suportasse o teste com o qual Deus considerava apropriado prová-lo, com o tempo chegaria a ser igual aos anjos. Teria o favor de Deus, podendo conversar com os anjos. Deus não achou conveniente criar os seres humanos destituídos de livre-arbítrio.



O princípio

2

Toda a Divindade esteve empenhada na obra grandiosa e poderosa planejada: a criação do mundo. A Terra saiu das mãos do Criador extraordinariamente bela. Havia montanhas, colinas e planícies entrecortadas por rios e lagos. A Terra não era uma extensa planície; a monotonia do cenário era quebrada por montanhas e colinas, não altas e abruptas como são as de hoje, mas de formas regulares e belas. As rochas altas e expostas não podiam ser vistas sobre ela; estavam debaixo da superfície como se fossem uma estrutura para a Terra.

As águas foram distribuídas regularmente. Montanhas, colinas e belíssimas planícies eram adornadas com plantas e flores, bem como com grandes e majestosas árvores de toda espécie, maiores e mais belas do que são hoje. O ar era puro e saudável, e a Terra parecia um nobre palácio. Os anjos se deleitavam e se alegravam com as maravilhosas obras de Deus.

Depois que a Terra foi criada, com a vida animal, o Pai e o Filho concluíram o propósito, definido antes da queda de Satanás, de criar o ser humano à Sua própria imagem. Eles tinham trabalhado juntos na criação da Terra e de cada ser vivente sobre ela. Então, Deus disse ao Filho: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gênesis 1:26).

Ao sair das mãos do Criador, Adão era de grande estatura e bela simetria. Tinha mais de duas vezes a altura das pessoas que agora vivem na Terra e era bem proporcional. Suas feições eram perfeitas e belas. A pele de seu rosto não era branca nem pálida, mas rosada, irradiando uma tonalidade saudável. Eva não era tão alta quanto Adão. Sua cabeça ficava um pouco acima dos ombros dele. Ela também era sublime, de perfeita simetria e muito bela.

Esse casal, sem pecado, não usava roupas. Estavam revestidos de luz e glória, assim como os anjos. Enquanto viveram em obediência a Deus, essa veste de luz os envolvia. Embora todas as coisas que Deus criou fossem belas e perfeitas, e aparentemente nada faltasse sobre a Terra criada

para fazer Adão e Eva felizes, Ele ainda manifestou Seu grande amor plantando para eles um maravilhoso jardim.

Eles deviam ocupar uma parte do tempo com a tarefa prazerosa de cuidar do jardim, e a outra para receber a visita dos anjos, ouvir suas instruções e estar em feliz meditação. Seu trabalho não seria cansativo, mas prazeroso e revigorante. Aquele belo jardim devia ser o lar deles.

No jardim, o Senhor colocou árvores de toda variedade para suprimimento e beleza. Havia árvores carregadas de frutos exuberantes e de fragrância agradável, belos aos olhos e agradáveis ao paladar, designados por Deus para ser o alimento de ambos. Havia deleitosas vinhas que cresciam verticalmente, carregadas com seus frutos, diferentes de qualquer coisa que o ser humano tem visto desde a queda.

Os frutos eram bem grandes e de coloração diversa; alguns quase pretos, outros de cor púrpura, vermelhos, rosados e verde-claros. Esses belos e viçosos frutos que cresciam sobre os ramos da videira foram chamados de uvas. Eles não se espalhavam pelo chão, embora não fossem escorados por grades, mas o peso dos frutos os curvava para baixo. A prazerosa tarefa de Adão e Eva era moldar em belos caramanchões os ramos das videiras, formando moradias de beleza natural, de árvores vivas e folhagens, carregadas de frutos de aroma agradável.

A Terra era coberta de uma bela vegetação, na qual milhares de flores perfumadas de toda variedade cresciam em abundância. Todas as coisas eram de bom gosto e esplendidamente dispostas. No meio do jardim estava a árvore da vida, a qual superava a glória de todas as outras árvores. Seu fruto era semelhante a maçãs de ouro e prata, e destinava-se a perpetuar a vida. As folhas continham propriedades medicinais.

O primeiro casal no Éden – O perfeito casal era muito feliz no Éden. Eles haviam recebido domínio irrestrito sobre todas as criaturas vivas. O leão e o cordeiro se divertiam de forma pacífica e inofensiva ao redor deles ou cochilavam a seus pés. Pássaros de toda a variedade de cores e plumagens esvoaçavam entre as árvores e flores e em volta de Adão e Eva, enquanto seu melodioso canto ecoava em doces acordes de louvor ao Deus criador.

Eles estavam continuamente descobrindo novas belezas e excelências em seu lar edênico, as quais enchiam o coração deles de profundo amor e despertavam expressões de gratidão e reverência ao Criador.



A tragédia

capítulo

3

No meio do jardim, perto da árvore da vida, estava a árvore do conhecimento do bem e do mal. Essa árvore havia sido divinamente designada para ser a garantia de obediência, fé e amor do casal a Deus. O Senhor ordenou a nossos primeiros pais que não comessem dessa árvore nem tocassem nela, senão morreriam. Disse que podiam comer livremente de todas as árvores do jardim, exceto daquela, pois, se comessem dela, certamente morreriam.

Quando foram colocados no maravilhoso jardim, Adão e Eva tinham para sua felicidade tudo que viessem a desejar. Em Seu plano onisciente, Deus determinou testar a lealdade deles, antes que pudessem ser considerados eternamente fora de perigo. Eles teriam o apoio divino. Deus conversaria com eles pessoalmente. Contudo, Ele não colocou o mal fora do alcance deles. Satanás teve permissão para tentá-los. Se resistissem às tentações, permaneceriam no eterno favor de Deus e dos anjos celestiais.

Depois de expulso do Céu, Satanás estava espantado diante de sua nova condição. Sua felicidade havia acabado. Olhava para os anjos que, assim como ele antes, foram tão felizes, mas que tinham sido expulsos do Céu em sua companhia. Antes de sua queda, nenhuma sombra de descontentamento havia nublado sua perfeita alegria. Então, tudo parecia mudado. Os rostos que tinham refletido a imagem do Criador estavam melancólicos e sem esperança.

Entre eles havia conflito, discórdia e ásperas recriminações. Antes da rebelião, esses comportamentos eram desconhecidos no Céu. Satanás observava os terríveis resultados de sua obstinação. Ele estremecia e temia encarar o futuro e contemplar o fim dessas coisas.

Lúcifer havia sido o diretor do coro celestial. Quando chegava a hora dos cânticos alegres de louvor a Deus e Seu amado Filho, ele entoava a primeira nota. Então, todo o exército angelical se unia a ele, e gloriosos acordes musicais ressoavam através do Céu em honra a Deus e a Cristo.

Contudo, em vez de suaves notas musicais, palavras de discórdia e ira ecoavam nos ouvidos do líder rebelde. Onde ele estava? Não era tudo isso um sonho terrível? Tinha sido mesmo expulso da presença de Deus? Os portais do Céu nunca mais se abririam para recebê-lo? Ao aproximar-se a hora de adoração, quando brilhantes e santos anjos se prostravam diante do Pai, ele não mais se uniria ao cântico celestial. Não mais se curvaria em reverência e santo temor ante a presença do Deus eterno.

Se ele pudesse voltar a ser puro, verdadeiro e leal como tinha sido, alegremente abandonaria sua pretensão de autoridade. No entanto, estava perdido, fora da possibilidade de redenção, por causa de sua rebeldia presunçosa! E isso não era tudo.

Tinha guiado outros à rebelião e à mesma condição de perdido. Levava para a perdição anjos que nunca pensaram em questionar a vontade de Deus ou recusar obedecer às leis divinas, até que ele colocasse isso na mente deles, argumentando que podiam desfrutar um bem maior, uma liberdade elevada e mais gloriosa. Esse havia sido o sofisma pelo qual os enganara. Uma responsabilidade pesava então sobre ele, à qual estaria disposto a renunciar.

Esses seres, com suas esperanças frustradas, ficaram revoltados. Em vez de um bem maior, estavam experimentando os maus resultados da desobediência e do desrespeito ao governo de Deus. Esses anjos infelizes nunca mais poderiam ser influenciados pela direção amorosa de Jesus Cristo. Jamais poderiam ser estimulados pelo amor profundo e fervoroso. Não mais seriam alcançados pela paz e alegria que a presença divina antes produzia neles. Jamais retornariam para Deus em obediência jubilosa e honra reverente.

A conspiração – Os anjos maus se reuniram com Satanás, e ele, erguendo-se e assumindo um ar de desafio, informou-os de seus planos para afastar de Deus o nobre Adão e sua companheira Eva. Pensava que se pudesse, de alguma forma, induzi-los à desobediência, Deus faria algo para que pudessem ser perdoados. Então, ele e todos os anjos caídos teriam uma oportunidade de participar da misericórdia de Deus com o casal. Se Adão e Eva viessem a transgredir a lei divina, ficariam sujeitos à ira de Deus, como eles próprios estavam.

Então Deus reuniu o exército angelical para tomar medidas e impedir o perigo ameaçador. Ficou decidido no concílio celestial que anjos visitariam

o Éden a fim de advertir Adão de que ele estava em perigo pela presença de um adversário. Dois anjos se apressaram a visitar os primeiros pais. O casal os recebeu com alegria inocente, expressando gratidão ao Criador por assim tê-los cercado com tão grande manifestação de bondade.

Todas as coisas amáveis e atrativas eram para a alegria deles e tudo parecia sabiamente adaptado às suas necessidades. O que estimavam, acima de todas as outras bênçãos, era o relacionamento com o Filho de Deus e com os anjos celestiais. A cada visita, tinham diversas coisas a lhes contar sobre suas novas descobertas das belezas naturais do lar edênico. Tinham também muitas perguntas a fazer, relacionadas a várias coisas que compreendiam só vagamente.

Bondosamente os anjos deram as informações que Adão e Eva desejavam. Também contaram a triste história da rebelião e da queda de Lúcifer. Então, de forma clara, informaram a eles que a árvore do conhecimento do bem e do mal fora colocada no jardim para ser uma garantia de sua obediência e de seu amor a Deus. Disseram que os santos anjos só poderiam conservar sua elevada e feliz condição se fossem obedientes; e que eles estavam em situação semelhante. Além disso, afirmaram que o casal podia obedecer à lei de Deus e ser continuamente feliz ou desobedecer e perder sua elevada condição e afundar em desespero irremediável.

Os anjos afirmaram ao casal que Deus não os obrigava a obedecer. Disseram que Ele não tiraria deles o poder de contrariar Sua vontade e que eles eram pessoas moralmente livres para obedecer ou desobedecer. Havia apenas uma proibição que Deus considerara necessário lhes impor; e, se transgredissem a vontade divina nesse ponto, certamente morreriam.

Os visitantes celestiais disseram ainda a Adão e Eva que o mais exaltado anjo, imediatamente abaixo de Cristo, se recusara a obedecer à lei de Deus, a qual Ele tinha ordenado para governar os seres criados. Esclareceram que essa rebelião havia causado guerra no Céu, que resultara na expulsão de todos os rebeldes que puseram em dúvida a autoridade do grande Criador. Contaram ainda que o rebelde caído era agora inimigo de tudo o que interessasse a Deus e a Seu amado Filho.

Também foi dito a eles que Satanás estava pronto a lhes fazer mal e que era necessário estar alerta porque o inimigo caído podia entrar em contato com eles. Porém, garantiram que ele não podia causar dano algum a eles enquanto permanecessem em obediência aos mandamentos de Deus, e que, se necessário, todos os anjos do Céu viriam em auxílio

deles, antes que o inimigo pudesse de alguma forma prejudicá-los. Mas, se desobedecessem ao mandamento de Deus, então Satanás teria poder para confundi-los, prejudicá-los e causar-lhes dificuldades.

Contudo, se permanecessem firmes contra as primeiras insinuações de Satanás, eles estariam tão seguros como os anjos leais a Deus. Caso cedessem ao tentador, Aquele que não poupou os majestosos anjos não os pouparia também. Se caíssem, deveriam sofrer o castigo da transgressão, pois a lei de Deus é tão sagrada quanto Ele próprio, e o Senhor requer a obediência de todos no Céu e na Terra.

Os anjos preveniram Eva de que não se separasse do marido em suas ocupações, pois podia ser abordada por esse inimigo caído. Separando-se um do outro, estariam em maior perigo do que se ficassem juntos. Os anjos insistiram para que seguissem rigorosamente as instruções dadas por Deus em relação à árvore do conhecimento do bem e do mal, pois na perfeita obediência estariam seguros. Assim, o inimigo não teria poder para enganá-los.

Além disso, Deus não permitiria que Satanás perseguisse o santo casal com tentações contínuas. Poderia ter acesso a eles somente por meio daquela árvore.

Adão e Eva asseguraram aos anjos que nunca transgrediriam o claro mandamento de Deus, pois era seu mais elevado prazer fazer a vontade dEle. Os anjos se uniram a Adão e Eva em acordes santos de música harmoniosa, e, quando seus cânticos ressoaram cheios de alegria pelo Éden, Satanás ouviu o som de suas melodias de adoração ao Pai e ao Filho. Nesse momento, a inveja, o ódio e a malignidade cresceram em seu coração, e ele expressou a seus seguidores a ansiedade por induzir Adão e Eva a desobedecer, atraindo sobre eles a ira de Deus e mudando seus cânticos de louvor em ódio e maldições ao Criador.

TENTAÇÃO E QUEDA

Então, Satanás assumiu a forma de serpente e entrou no Éden. A serpente era uma bela criatura com asas e, quando voava pelos ares, tinha uma aparência brilhante, parecendo ouro polido. Ela não rastejava pelo chão; passava de uma árvore a outra pelo ar e comia frutas como o ser humano. Satanás entrou na serpente, se colocou na árvore do conhecimento do bem e do mal e começou vagarosamente a comer do fruto.

Inconscientemente, a princípio, e envolvida em suas ocupações, Eva se afastou do marido. Quando percebeu isso, teve a sensação de que estava em perigo, mas de novo imaginou estar segura, mesmo não estando ao lado do esposo. Julgava ter sabedoria e força suficientes para discernir o mal e a ele resistir. Os anjos a haviam advertido de que não fizesse isso. Logo, Eva se deu conta de que estava contemplando com um misto de curiosidade e admiração o fruto da árvore proibida.

Os primeiros pais asseguraram aos anjos que nunca transgrediriam o claro mandamento de Deus, pois era seu mais elevado prazer fazer a vontade dEle.

Ela percebeu que o fruto era belo e perguntava a si mesma por que Deus os havia proibido de comê-lo ou de tocar nele. Essa era então a oportunidade de Satanás. Ele se dirigiu à mulher como se fosse capaz de adivinhar seus pensamentos: “Foi isto mesmo que Deus disse: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’” (Gênesis 3:1). Assim, com palavras agradáveis e voz melodiosa, ele se dirigiu à admirada Eva. Ouvir uma serpente falar lhe causou surpresa. O animal exaltava sua beleza e seu encanto extraordinário, o que não desagradava a mulher. Entretanto, Eva estava espantada, pois sabia que Deus não tinha dado à serpente o poder da fala.

A curiosidade de Eva aumentou. Em vez de fugir do local, ela ficou ouvindo a serpente falar. Não lhe ocorreu que aquela criatura pudesse ser o inimigo caído, usando o animal como um tipo de médium. Era Satanás quem falava, não a serpente. Eva estava encantada, lisonjeada e envaidecida. Se tivesse encontrado uma figura imponente, possuindo uma forma semelhante à dos anjos e com eles se parecendo, teria ficado alerta.

Essa voz estranha deveria tê-la impelido a buscar a companhia do marido a fim de perguntar-lhe por que alguém teria assim livremente se dirigido a ela. Porém, Eva entrou em discussão com a serpente e respondeu à sua pergunta: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão.’” Então, a serpente disse à mulher: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele

comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal” (Gênesis 3:2-5).

Satanás desejava incutir a ideia de que, ao comer da árvore proibida, eles receberiam um novo e mais elevado tipo de conhecimento do que aquele que até então possuíam. Esta tem sido sua finalidade específica, com grande sucesso, desde a queda: levar os seres humanos a questionar as decisões do Todo-Poderoso, a não estar satisfeitos com o que Deus revela e não obedecer ao que Ele ordena. O inimigo pretende induzi-los a desobedecer aos mandamentos de Deus e, então, pensar que estão entrando em um maravilhoso campo de saber. Isso é pura conjectura, um engano infeliz.

As pessoas deixam de compreender o que Deus revela, menosprezam Seus claros mandamentos e querem mais sabedoria, independentemente de Deus, questionando aquilo que Ele resolveu reter dos mortais. Alegam-se com suas ideias de progresso e se encantam com sua própria filosofia inútil, mas, de fato, estão tateando nas trevas quanto ao verdadeiro conhecimento. Estão sempre estudando e nunca são capazes de chegar ao conhecimento da verdade.

Não era da vontade de Deus que o primeiro casal tivesse qualquer conhecimento do mal. Ele tinha dado a eles, de forma generosa, o bem, e advertido contra o mal. Eva julgou sábias as palavras da astuta serpente, quando ouviu a afirmação audaciosa: “Certamente não morrerão! Deus sabe que, no dia em que dele comerem, seus olhos se abrirão, e vocês, como Deus, serão conhecedores do bem e do mal” (Gênesis 3:4, 5). Assim, a serpente fazia de Deus um mentiroso. Satanás insinuou de maneira insolente que Deus os tinha enganado, impedindo que fossem exaltados com um conhecimento igual ao dEle. Deus disse: “No dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gênesis 2:17). A serpente disse: “Certamente não morrerão” (Gênesis 3:4).

O tentador garantiu que, assim que Eva comesse o fruto, ela receberia um conhecimento novo e superior que a tornaria igual a Deus. Chamou a atenção dela para si mesma. Ele havia comido livremente da árvore e a considerava não apenas perfeitamente inofensiva, mas deliciosa e estimulante. Disse que era por causa de suas maravilhosas propriedades de comunicar sabedoria e poder que Deus lhes proibira de experimentá-la ou mesmo tocá-la, pois Ele conhecia essas extraordinárias qualidades.

A serpente declarou que ter comido o fruto da árvore proibida lhe permitira obter o dom da fala. Insinuou que Deus não cumpriria Sua palavra

e que isso era simplesmente uma ameaça para intimidá-los e privá-los de um grande benefício. Disse também que eles não poderiam morrer. Não tinham eles comido da árvore da vida, que perpetuava a imortalidade? Disse que Deus os estava enganando e os impedindo de alcançar um nível mais elevado de felicidade e uma alegria incomum.

O tentador tirou um fruto e o deu a Eva, e ela o tomou nas mãos. “Ora”, disse o tentador, “vocês foram proibidos até mesmo de tocá-lo, pois morreriam.” Disse que ela não teria maior sensação de perigo e morte comendo o fruto do que tocando nele ou manuseando-o. Eva foi encorajada, pois não sentia os sinais imediatos do desagrado de Deus. Considerou que as palavras do tentador eram totalmente sábias e corretas. Ela comeu e ficou muito satisfeita com o fruto. Ele pareceu delicioso ao paladar, e ela imaginava sentir em si mesma os maravilhosos efeitos do fruto.

A mulher se transforma em tentadora – Colheu, então, para si do fruto e comeu, e imaginou sentir o poder de uma nova e elevada existência como resultado da influência estimulante do fruto proibido. Em um estado de agitação estranha e fora do normal, com as mãos cheias do fruto proibido, procurou o marido. Relatou o perspicaz discurso da serpente, desejando conduzi-lo imediatamente à árvore do conhecimento do bem e do mal. Disse-lhe que havia comido do fruto e, em vez de experimentar qualquer sensação de morte, sentia algo prazeroso. No momento em que Eva desobedeceu, ela se tornou um poderoso agente para causar a ruína do esposo.

A tristeza tomou conta do rosto de Adão. Ele se mostrou espantado e com medo. Uma luta estava sendo travada em sua mente. Ele disse a Eva que tinha certeza de que se tratava do inimigo, de quem haviam sido advertidos; e, sendo assim, ela iria morrer. Ela lhe assegurou que não estava sentindo nenhum efeito negativo, mas uma sensação muito agradável, e insistiu com ele para que comesse.

Adão compreendeu claramente que sua companheira havia transgredido a única proibição imposta a eles como prova de fidelidade e amor. Eva argumentou que a serpente tinha dito que certamente não morreriam e que suas palavras deviam ser verdadeiras, pois não sentia qualquer sinal do desagrado de Deus, mas uma prazerosa influência, como imaginava que os anjos sentiam.

Adão lamentou por Eva ter saído de perto dele. Porém, a ação já havia sido praticada. Ele ficaria separado daquela cuja companhia tanto amava.

Como suportaria isso? Seu amor por Eva era muito forte. Em completo desânimo, decidiu participar do destino dela. Considerou que Eva era uma parte dele e que, se ela devia morrer, ele morreria com ela, pois não suportaria a ideia da separação.

Faltou a ele a fé em seu misericordioso e benevolente Criador. Não pensou que Deus, que do pó da terra o havia criado, como um ser vivo e belo, e que também criara a mulher para ser sua companheira, poderia preencher o lugar dela. Afinal, não seriam verdadeiras as palavras da serpente?

Eva estava diante dele tão bela e, aparentemente, tão inocente como antes desse ato de desobediência. Sob os efeitos do fruto que havia comido, expressava mais amor por ele do que antes de sua desobediência. Não viu nela um sinal de morte sequer.

Eva tinha contado ao marido de seu ardente amor por ele e da sensação prazerosa do fruto, e ele decidiu enfrentar as consequências. Adão tomou o fruto e comeu rapidamente; e, como ocorreu com Eva, não sentiu imediatamente seus maus efeitos.

Eva pensava ter capacidade própria para decidir entre o certo e o errado. A enganadora esperança de entrar em um estado mais elevado de conhecimento levou a mulher a pensar que a serpente era um amigo especial, que tinha grande interesse em seu bem-estar. Se tivesse procurado o marido, e se ambos tivessem relatado ao Criador as palavras da serpente, teriam sido imediatamente livrados de sua tentação engenhosa. O Senhor não permitiu que comessem o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal porque eles seriam então expostos ao engano de Satanás. Sabia que eles estariam perfeitamente a salvo se não tocassem no fruto.

A liberdade de escolha – Deus havia instruído os primeiros pais quanto à árvore do conhecimento do bem e do mal, e eles foram plenamente informados acerca da queda de Satanás e do perigo de ouvirem as sugestões dele. Ele não os restringiu da liberdade de comer do fruto proibido. Deixou que, como seres morais livres, pudessem escolher acreditar em Sua palavra, obedecer a Seus mandamentos e viver, ou crer no tentador, desobedecer e morrer.

Ambos comeram, e toda a sabedoria que obtiveram foi o conhecimento do pecado e o senso de culpa. A veste de luz que os cercava logo

desapareceu. Com a consciência pesada e com a perda de sua cobertura divina, um tremor tomou conta deles. Assim, procuraram cobrir sua nudez.

Nossos primeiros pais escolheram crer nas palavras que pensavam ser de uma serpente, embora ela não tivesse dado nenhuma prova de amor por eles. Não tinha feito nada para a felicidade e o benefício deles, enquanto Deus lhes havia dado todas as coisas boas para comer e agradáveis aos olhos. Onde quer que se olhasse, havia abundância e beleza. Ainda assim, Eva foi iludida pela serpente a pensar que existia alguma coisa oculta que podia torná-la sábia como o próprio Deus. Em vez de crer e confiar em Deus, ela duvidou de Sua bondade e acatou as palavras de Satanás.

Depois de transgredir, a princípio, Adão se imaginou passando para uma existência nova e mais elevada. No entanto, logo o pensamento de seu pecado o encheu de terror. O ar, que até então havia sido de uma temperatura agradável e uniforme, parecia-lhes muito frio. O casal culpado experimentava então uma sensação de pecado. Sentiam temor pelo futuro, a falta de alguma coisa, uma nudez de alma.

Desapareceram o doce amor, a paz e o feliz contentamento que haviam desfrutado e, em lugar disso, sentiram uma carência que nunca tinham experimentado antes. Pela primeira vez, eles puseram a atenção no exterior. Eles não tinham estado vestidos, mas rodeados de luz, como os anjos celestiais. Essa luz com a qual estavam circundados havia sido retirada deles. Para aliviar a sensação de carência e nudez, buscaram cobrir o corpo, pois como podiam, despidos, encarar o olhar de Deus e dos anjos?

A culpa estava agora claramente diante deles. A transgressão do mandamento de Deus assumiu um caráter mais definido. Adão havia censurado Eva pela insensatez em sair de perto dele e por deixar-se enganar pela serpente. Contudo, ambos procuravam tranquilizar-se, pensando que Deus, que lhes dera todas as coisas para torná-los felizes, perdoaria essa transgressão devido ao grande amor por eles, e que o castigo não seria afinal tão terrível.

Nossos primeiros pais escolheram crer nas palavras que pensavam ser de uma serpente, embora ela não tivesse dado nenhuma prova de amor por eles.

Satanás vibrou com o êxito obtido. Havia tentado a mulher a desconfiar de Deus, a duvidar de Sua sabedoria e a questionar Seus planos oniscientes. Por intermédio dela, ele também havia causado a ruína de Adão, que, em consequência de seu amor por Eva, desobedecera ao mandado de Deus e, juntamente com ela, caíra em pecado.

A notícia da queda do ser humano se espalhou por todo o Céu. Toda harpa silenciou. Com tristeza, os anjos retiraram da cabeça suas coroas. Todo o Céu ficou em comoção. Os anjos se sentiram magoados com a profunda ingratidão do ser humano em retribuição à abundante generosidade que Deus havia proporcionado. Um concílio foi convocado para decidir o que se deveria fazer com o casal culpado. Os anjos temiam que eles estendessem as mãos e comessem da árvore da vida, tornando-se pecadores imortais.

O Senhor visitou Adão e Eva e revelou as consequências da transgressão deles. No momento em que perceberam a presença majestosa de Deus, procuraram se esconder dAquele com quem antes, em condição de inocência e santidade, tinham prazer em se encontrar. “O Senhor Deus chamou o homem, perguntando: ‘Onde está você?’ E ele respondeu: ‘Ouvi Teus passos no jardim e fiquei com medo, porque estava nu; por isso me escondi.’ E Deus perguntou: ‘Quem lhe disse que você estava nu? Você comeu do fruto da árvore da qual lhe proibi comer?’” (Gênesis 3:9-11).

Essa pergunta foi formulada pelo Senhor não porque necessitasse de informação, mas para a convicção do casal culpado. “O que você fez para ficar envergonhado e com medo?” Adão reconheceu a transgressão, não porque estivesse arrependido, mas para culpar a Deus: “A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e eu comi” (Gênesis 3:12). Quando foi perguntado à mulher: “Que foi que você fez?”, ela respondeu: “A serpente me enganou, e eu comi” (Gênesis 3:13).

A maldição – Então, o Senhor se dirigiu à serpente: “Uma vez que você fez isso, maldita é você entre todos os rebanhos domésticos e entre todos os animais selvagens! Sobre o seu ventre você rastejará, e pó comerá todos os dias da sua vida” (Gênesis 3:14). Assim como a serpente tinha sido exaltada acima de todos os animais do campo, seria então rebaixada em relação a todos eles e odiada pelas pessoas, pois tinha sido o agente pelo qual Satanás agira. Ao homem, o Senhor disse: “Visto que você deu ouvidos à sua mulher e comeu do fruto da árvore da qual Eu lhe ordenara

que não comesse, maldita é a terra por sua causa; com sofrimento você se alimentará dela todos os dias da sua vida. Ela lhe dará espinhos e ervas daninhas, e você terá que alimentar-se das plantas do campo. Com o suor do seu rosto você comerá o seu pão, até que volte à terra “ (Gênesis 3:17-19).

Deus amaldiçoou a terra por causa do pecado de Adão e Eva em comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, e declarou: “Com sofrimento você se alimentará dela [da terra] todos os dias da sua vida” (Gênesis 3:17). Deus tinha partilhado com eles o bem, mas retido o mal. Agora declarava que comeriam dele, isto é, deveriam estar relacionados com o mal todos os dias de sua vida.

Daquele tempo em diante, o gênero humano seria afligido pelas tentações de Satanás. Uma vida de constante trabalho árduo e ansiedade foi designada a Adão, em lugar das atividades felizes que tiveram até então. Estariam sujeitos a frustração, sofrimento, dor e, por fim, a morte. Foram feitos do pó da terra, e ao pó deviam voltar.

Eles foram informados de que teriam de sair de seu lar edênico. Tinham cedido aos enganos de Satanás e crido em suas palavras de que Deus havia mentido. Por sua transgressão, tinham aberto o caminho para Satanás ganhar mais fácil acesso a eles, e não era seguro permanecer no jardim do Éden, pois, em seu estado pecaminoso, poderiam ter acesso à árvore da vida e perpetuar uma existência de pecado. Suplicaram que lhes fosse permitido permanecer, embora reconhecessem ter perdido todo o direito ao paraíso. Prometeram que, no futuro, renderiam obediência total a Deus. Foi dito que, ao perder a inocência e entrar na condição de culpa, eles obtiveram não força, mas grande fraqueza. Eles não preservaram a integridade de sua pureza e inocência e, em estado de admitida culpa, tinham menos condições de permanecer verdadeiros e leais. Ficaram cheios de angústia e remorso profundos, sentindo que o castigo do pecado era a morte.

Anjos foram imediatamente encarregados de guardar o caminho da árvore da vida. O plano de Satanás era que Adão e Eva desobedecessem a Deus, recebessem a desaprovação e, então, participassem da árvore da vida, de modo a perpetuar uma vida de pecado. Entretanto, anjos foram enviados para vigiar o caminho da árvore da vida. Ao redor desses anjos brilhavam raios de luz, tendo a aparência de espadas flamejantes.



A promessa

4

O Céu se encheu de tristeza diante do fato de o ser humano estar perdido e de que o mundo criado por Deus se encheria de seres mortais condenados à infelicidade, enfermidade e morte, sem haver um meio de livramento para o transgressor. Toda a descendência de Adão deveria morrer. No rosto do adorável Jesus havia uma expressão de compaixão e tristeza. Então, Cristo Se aproximou da luz extraordinariamente brilhante que cercava o Pai e entrou em uma conversa particular com Ele.

A ansiedade dos anjos era intensa enquanto Jesus dialogava com o Pai. Três vezes Ele foi envolvido por Sua luz gloriosa. Na terceira vez, Ele Se afastou do Pai, e podia então ser visto pelos anjos. Seu semblante estava calmo, livre de toda preocupação e dúvida e resplandecia com benevolência e amabilidade, de uma forma que as palavras não conseguem expressar.

Cristo anunciou ao exército angelical que um meio de livramento havia sido estabelecido para o ser humano pecador. Ele revelou a eles que havia suplicado ao Pai e Se oferecido para dar a vida como resgate e tomar sobre Si a sentença de morte, a fim de que, por meio dEle, o homem pudesse encontrar perdão. Afirmou que, pelos méritos de Seu sangue e de Sua obediência à lei divina, o pecador poderia ter o favor de Deus, ser levado para o belo jardim e comer do fruto da árvore da vida.

A princípio, os anjos não puderam se alegrar, pois seu Comandante nada escondeu, expondo diante deles o plano da salvação. Jesus lhes disse que estaria entre a ira do Pai e o ser humano culpado, que enfrentaria a iniquidade e o escárnio e que poucos O receberiam como o Filho de Deus. Quase todos na Terra O odiariam e rejeitariam. Ele deixaria toda a glória no Céu, viria à Terra como homem e Se humilharia como um servo. Por experiência própria, Ele enfrentaria as tentações que assediam os seres humanos, a fim de que pudesse saber como socorrer os que fossem tentados.

Por fim, depois de cumprida Sua missão como mestre, seria entregue nas mãos dos homens e suportaria todo tipo de crueldade e sofrimento que Satanás e seus anjos influenciassem os ímpios a Lhe infligir.

Ele morreria a mais cruel das mortes, suspenso entre o céu e a terra, como um pecador criminoso. Sofreria terríveis horas de angústia, as quais nem mesmo os anjos conseguiriam contemplar e esconderiam o rosto. Ele suportaria não só a agonia física, mas também mental, com a qual nenhum sofrimento físico poderia ser comparado. O peso dos pecados do mundo inteiro estaria sobre Ele. Disse que morreria e ressuscitaria no terceiro dia, depois subiria ao Pai a fim de interceder pelo ser humano perdido e culpado.

Um meio de escape – Então, os anjos se prostraram diante de Jesus. Eles Lhe ofereceram a vida. Jesus lhes disse que por Sua morte salvaria muitos e que a vida de um anjo não poderia pagar a dívida. Unicamente a vida do Criador poderia ser aceita diante do Pai como resgate pelo ser humano. Jesus também lhes disse que teriam uma parte a desempenhar: estar com Ele e fortalecê-Lo em várias ocasiões. Ele disse que tomaria a natureza decaída do ser humano e Sua força não seria nem mesmo igual à de Adão e Eva. Afirmou que os anjos seriam testemunhas de Sua humilhação e de grandes sofrimentos. E, ao presenciarem esses sofrimentos e o ódio dos homens a Ele, ficariam abalados pelas mais profundas emoções; e, por seu amor a Ele, desejariam libertá-Lo dos agressores, mas não deveriam intervir para impedir qualquer coisa que vissem. Eles deveriam desempenhar uma parte em Sua ressurreição. O plano da salvação estava traçado, e o Pai aceitara esse plano.

Com profunda tristeza, Jesus consolou e animou os anjos e os informou de que, dali em diante, aqueles que redimisse estariam com Ele, e com Ele sempre morariam. Prometeu que, por Sua morte, resgataria a muitos, e destruiria aquele que tem o poder da morte. O Pai daria a Jesus o reino e a grandeza desse reino sob todo o Céu, e Ele o possuiria para todo o sempre. Satanás e os pecadores seriam destruídos para nunca mais perturbar o Céu ou a nova Terra purificada.

Jesus ordenou que o exército celestial se conformasse com o plano que o Pai havia aceitado e que se alegrassem no fato de o ser humano decaído poder novamente ser exaltado por meio de Sua morte, a fim de obter o favor de Deus e desfrutar o Céu.

Então, uma alegria inexprimível encheu o Céu, e o exército celestial cantou um cântico de louvor e adoração. Anjos tocaram harpas e cantaram em tom mais alto do que faziam antes, pela grande misericórdia e condescendência de Deus em entregar o tão amado Filho para morrer por uma raça de rebeldes. Expressaram louvor e adoração pela abnegação e pelo sacrifício de Jesus, que deixaria a companhia do Pai por uma vida de sofrimento e angústia, morrendo de forma vergonhosa, a fim de dar a vida por outros.

Não foi fácil para o Pai entregar Seu amado Filho. De forma alguma! Foi muito difícil para o Deus do Céu decidir se deixaria o homem culpado perecer ou se daria o amado Filho para morrer por ele. Os anjos estavam tão interessados na salvação do ser humano que era possível encontrar entre eles os que deixariam a glória e dariam a vida pelo ser humano perdido. Mas isso nada adiantaria. A transgressão era tão grande que a vida de um anjo não pagaria a dívida. Nada a não ser a morte e a intercessão do Filho Jesus poderia pagar essa dívida e salvar o homem perdido da miséria e da morte.

No entanto, aos anjos foi designada a obra de subir e descer com bálsamo fortalecedor, proveniente da glória, a fim de confortar o Filho de Deus em Seus sofrimentos e apoiá-Lo. Seria também a obra deles proteger e guardar os súditos da graça contra os anjos maus e contra as trevas que constantemente Satanás colocaria em redor deles. Era impossível que Deus mudasse a lei eterna para salvar o homem perdido prestes a perecer. Portanto, Ele consentiu que Seu amado Filho morresse pela transgressão do ser humano pecador.

Satanás de novo se alegrou com seus anjos quando percebeu que, ao causar a queda do homem, isso poderia tirar o Filho de Deus de Sua posição elevada. Ele alegou aos anjos caídos que, quando Jesus tomasse a natureza humana decaída, poderia derrotá-Lo e impedir a realização do plano da salvação.

No começo, Satanás era um anjo feliz e majestoso. Ele ainda tem um aspecto elevado e suas feições ainda são nobres, pois, embora caído, é um anjo. No entanto, a expressão de seu rosto está cheia de ansiedade, preocupação, infelicidade, malícia, ódio, maldade, engano e todo tipo de vileza. A fisionomia que antes era tão nobre ficou desfigurada. Durante todo esse tempo, ele tem se inclinado para o mal, e as boas qualidades se degeneraram assim como os traços malignos se desenvolveram.

Seu olhar é penetrante, astuto e dissimulado. É corpulento, mas a pele nas mãos e no rosto se tornou flácida e caída. Tem um sorriso irônico no

rosto, o qual faz tremer qualquer pessoa. Ele está cheio de maldade e satânica dissimulação. Esse sorriso é o que ele esboça precisamente antes de capturar suas vítimas. E, ao prendê-las em sua armadilha, o sorriso se torna horrível.

Após pecar, humildemente e com tristeza indescritível, Adão e Eva deixaram o aprazível jardim onde tinham sido tão felizes antes de sua desobediência à ordem de Deus. A atmosfera na Terra estava mudada. Não era mais invariável como antes da transgressão. Deus os vestiu com roupas de pele para protegê-los da sensação de frio e calor a que estariam expostos.

A norma imutável – Todo o Céu se entristeceu por causa da desobediência e da queda de Adão e Eva, a qual trouxe a ira de Deus sobre a raça humana. Já não podiam ter comunhão direta com Deus e haviam afundado em miséria e desesperança. A lei de Deus, fundamento de Seu governo, não podia ser mudada para atender às necessidades humanas. No planejamento divino, ela jamais perderá sua força nem dispensará a mínima parte de suas reivindicações.

Os anjos de Deus foram comissionados a visitar o casal caído e informá-lo de que, embora não pudessem mais ter a posse de seu perfeito jardim, o lar edênico, por causa da transgressão da lei de Deus, o caso deles não era sem esperança.

Adão e Eva foram informados de que o Filho de Deus, que conversara com eles no Éden, havia sentido piedade ao contemplar sua desesperada condição. Ficaram cientes de que voluntariamente Ele tomara sobre Si a punição devida a eles e morreria para que o ser humano pudesse viver, por meio da fé na expiação que Jesus propôs fazer. Por meio de Cristo, a porta de esperança estava aberta para que o ser humano, apesar de seu grande pecado, não ficasse sob o absoluto controle de Satanás.

A fé nos méritos do Filho de Deus elevaria o ser humano de tal maneira que este poderia resistir aos enganos de Satanás. Um período de graça seria concedido a ele, pelo qual, mediante uma vida de arrependimento e fé na expiação do Filho de Deus, pudesse ser redimido da transgressão da lei divina e assim ser elevado a uma posição em que seus esforços para guardar a lei fossem aceitos. Os anjos relataram a Adão e Eva a tristeza que sentiram no Céu, quando foi anunciado que eles tinham transgredido a lei

de Deus, o que tornou necessário que Cristo fizesse o grande sacrifício de Sua preciosa vida.

Então, Adão e Eva compreenderam o quanto a lei de Deus era elevada e sagrada e que sua transgressão requeria um grande sacrifício para salvar da completa ruína tanto eles mesmos quanto seus descendentes. Por isso, propuseram sua própria morte ou que eles e seus descendentes fossem deixados a sofrer a punição de seus pecados, e não que o amado Filho de Deus fizesse tão grande sacrifício. A angústia de Adão aumentou. Viu que seus pecados eram de tal magnitude que envolviam consequências terríveis. Seria possível que o honrado Comandante celestial, que tinha andado com ele e com ele conversado quando vivia em santa inocência, a quem os anjos honravam e adoravam, tivesse de Se rebaixar de Sua elevada posição para morrer por causa da transgressão dele?

Adão foi informado de que a vida de um anjo não podia pagar sua dívida. A lei de Deus, o fundamento de Seu governo no Céu e na Terra, era tão sagrada quanto Ele próprio. E, por essa razão, a vida de um anjo não podia ser aceita como sacrifício pela transgressão. A lei de Deus é mais importante a Seus olhos do que o louvor dos santos anjos ao redor de Seu trono.

O Pai não poderia abolir nem mudar um preceito de Sua lei a fim de socorrer o ser humano em sua condição caída. Contudo, o Filho de Deus, que, junto com o Pai, havia criado o ser humano, podia fazer por ele expiação completa e aceitável a Deus, dando a vida em sacrifício e pagando assim a penalidade da lei de Deus. Os anjos informaram a Adão que, assim como sua transgressão tinha produzido morte e infelicidade, vida e imortalidade seriam providas por meio do sacrifício de Jesus Cristo.

Uma visão do futuro – Adão recebeu revelação de importantes eventos futuros, desde sua expulsão do Éden até o dilúvio e, progressivamente, até a primeira vinda de Cristo à Terra. O amor por Adão e seus descendentes levaria o Filho de Deus a assumir a natureza humana e assim elevar, por meio de Sua própria humilhação, todos aqueles que nEle cressem. Esse sacrifício seria de valor suficiente para salvar o mundo inteiro, mas somente uns poucos se beneficiariam da salvação provida por meio de um sacrifício tão maravilhoso. Muitos não se submeteriam às condições exigidas para serem participantes do plano da salvação. Em vez de se

arrepender e obedecer, apegando-se pela fé aos méritos do sacrifício de Cristo, prefeririam o pecado e a transgressão da lei de Deus. O sacrifício de Jesus seria de valor tão infinito que tornaria a pessoa que dele se beneficiasse mais preciosa do que o ouro fino, mais valiosa até do que uma peça de ouro de Ofir.

Adão foi transportado ao longo de sucessivas gerações e viu o crescimento do crime, da culpa e degradação, porque o ser humano passou a se render às fortes tendências naturais para transgredir a lei de Deus. Ele visualizou a maldição divina caindo cada vez mais pesadamente sobre a raça humana, sobre os animais e a Terra por causa da contínua transgressão do ser humano. Viu que a iniquidade e a violência aumentariam constantemente. No entanto, em meio à maré de miséria e infortúnio humanos, haveria sempre uns poucos que preservariam o conhecimento de Deus e permaneceriam incontaminados em meio à degeneração moral prevalecente.

Adão foi levado a compreender o que é o pecado: transgressão da lei de Deus. Viu que a decadência moral, mental e física seria o resultado da transgressão para a humanidade, até que o mundo se enchesse com toda espécie de miséria.

Os dias do ser humano foram encurtados por sua própria conduta pecaminosa em transgredir a justa lei de Deus. Por causa do pecado, a espécie humana foi, com o tempo, tão grandemente rebaixada que pareceu inferior e quase sem valor. Os seres humanos se tornaram em geral incapazes de compreender o sacrifício feito no Calvário, os grandes e importantes aspectos da expiação e o plano da salvação, por causa dos efeitos do pecado sobre sua mente. Contudo, apesar da debilidade e do enfraquecimento das habilidades mentais, morais e físicas da humanidade, Cristo é fiel ao propósito pelo qual veio à Terra e mantém o interesse pelos fracos, desamparados e degenerados seres humanos. Ele os convida a entregar-Lhe suas fraquezas e deficiências. Quando buscam a Cristo, os pecadores têm suas necessidades supridas pelo Céu.

**O ser humano
compreendeu o que
é o pecado: quebrar
a norma.**

A oferta sacrificial – Seguindo as determinações especiais de Deus, Adão apresentou uma oferta pelo pecado. Essa foi para ele a

mais dolorosa cerimônia. Sua mão devia se erguer para tirar a vida que somente Deus podia dar e fazer uma oferta pelo pecado. Pela primeira vez, teria de testemunhar a morte. Ao olhar para a vítima ensanguentada, contorcendo-se na agonia da morte, Adão devia contemplar pela fé o Filho de Deus, a quem a vítima prefigurava e que devia morrer em sacrifício pelo ser humano.

Essa oferta cerimonial, ordenada por Deus, devia ser para o homem uma lembrança perpétua de sua culpa e também um reconhecimento penitente de seu pecado. Esse ato de tirar a vida deu a Adão um senso profundo e mais completo de sua transgressão, a qual nada menos que a morte do amado Filho de Deus podia expiar.

Ele ficou maravilhado diante da infinita bondade e do incomparável amor que podia prover tal resgate para salvar o culpado. Ao matar a vítima inocente, Adão teve a impressão de derramar o sangue do Filho de Deus por sua própria mão. Sabia que, se tivesse permanecido firme em Deus e leal à Sua justa lei, não haveria a morte de animais nem de seres humanos. No entanto, nas ofertas de sacrifício, que apontavam para a grande e perfeita oferta do querido Filho de Deus, surgia uma estrela de esperança para iluminar o escuro e terrível futuro e aliviá-los do completo desespero e ruína.

No começo, o chefe de cada família era considerado governador e sacerdote de sua própria casa. Depois, ao se multiplicar a espécie humana sobre a Terra, homens designados por Deus realizavam esse solene culto de sacrifício pelo povo. O sangue dos animais devia, na mente dos pecadores, ser associado ao sangue do Filho de Deus. A morte da vítima devia mostrar a todos que a punição pelo pecado era a morte. Pelo ato do sacrifício, o pecador reconhecia sua culpa e manifestava fé, olhando para o grande e perfeito sacrifício do Filho de Deus, o qual as ofertas de animais prefiguravam.

Sem a expiação do Filho de Deus, não poderia haver comunicação de bênçãos ou de salvação de Deus ao ser humano. Deus tem zelo pela honra de Sua lei. A transgressão da lei divina causou uma terrível separação entre Deus e o ser humano. Em sua pureza, Adão desfrutava a comunhão direta, livre e feliz com o Criador. Depois da transgressão, Deus Se comunicaria com o ser humano por meio de Cristo e dos anjos.



O código

capítulo

5

Depois de o Senhor ter dado tantas evidências de Seu poder ao povo de Israel, declarou quem Ele era: “Eu sou o Senhor, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão” (Êxodo 20:2). O mesmo Deus que exaltou Seu poder sobre os egípcios proferia então Sua lei:

“Não terás outros deuses diante de Mim” (Êxodo 20:3).

“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque Eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração daqueles que Me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que Me amam e guardam os Meus mandamentos” (Êxodo 20:4-6).

“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o Seu nome em vão” (Êxodo 20:7).

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

“Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (Êxodo 20:12).

“Não matarás” (Êxodo 20:13).

“Não adulterarás” (Êxodo 20:14).

“Não furtarás” (Êxodo 20:15).

“Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20:16).

“Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo” (Êxodo 20:17).

O primeiro e segundo mandamentos pronunciados por Deus são preceitos contra a idolatria. Esta, se praticada, levaria as pessoas longe no pecado e na rebelião e resultaria em oferta de sacrifícios humanos. Deus queria proteger Seus filhos contra qualquer aproximação de tais sacrifícios. Os primeiros quatro mandamentos foram dados para mostrar aos seres humanos seus deveres para com Deus. O quarto é o elo entre o grande Criador e Seus filhos. O sábado foi dado especialmente para benefício do ser humano e para a honra de Deus. Os últimos seis preceitos mostram o dever para com os semelhantes.

O sábado é um sinal entre Deus e Seu povo, para sempre. Este é o sinal: todos os que observam o sábado mostram com isso serem adoradores do Deus vivo, o Criador dos céus e da Terra. O sábado deve ser um sinal entre Deus e Seu povo, evidenciando que Ele tem um povo na Terra que O serve.

“Vendo-se o povo diante dos trovões e dos relâmpagos, e do som da trombeta e do monte fumegando, todos tremeram assustados. Ficaram à distância e disseram a Moisés: ‘Fala tu mesmo conosco, e ouviremos. Mas que Deus não fale conosco, para que não morramos’. Moisés disse ao povo: ‘Não tenham medo! Deus veio prová-los, para que o temor de Deus esteja em vocês e os livre de pecar’” (Êxodo 20:18-20).

“Mas o povo permaneceu à distância, ao passo que Moisés aproximou-se da nuvem escura em que Deus Se encontrava. O Senhor disse a Moisés: ‘Diga o seguinte aos israelitas: Vocês viram por si mesmos que do céu lhes falei’” (Êxodo 20:21, 22). A majestosa presença de Deus no Sinai, os tremores ocasionados na terra por Sua presença e os tremendos trovões e relâmpagos que acompanharam essa manifestação de Deus impressionaram a mente do povo. Tais foram o temor e a reverência para com Sua sagrada majestade que o povo instintivamente se afastou da terrível presença de Deus, temendo não poder suportar Sua resplandecente glória.

O código eterno – A lei de Deus existia antes de o ser humano ser criado. Os anjos eram governados por ela. Satanás caiu porque transgrediu os princípios do governo de Deus. Depois que Adão e Eva foram criados, Deus os fez conhecer Sua lei. Ela não estava escrita, mas foi exposta a eles pelo Criador.

O sábado do quarto mandamento foi instituído no Éden. Após fazer o mundo e criar o ser humano, Deus separou o sábado para Ele. Depois do pecado e da queda de Adão, nada foi tirado da lei de Deus. Os princípios

dos Dez Mandamentos existiam antes da queda e eram compatíveis com a condição dos seres santos. Depois da queda, os princípios desses preceitos não foram mudados, mas foram dados preceitos adicionais que se ajustavam à condição do ser humano em seu estado decaído.

Estabeleceu-se então um sistema que exigia o sacrifício de animais, para conservar diante das pessoas aquilo que a serpente havia feito Eva descrever: que a penalidade da desobediência é a morte. A transgressão da lei de Deus tornou necessário que Cristo morresse como sacrifício e, assim, abrisse caminho para o ser humano escapar da penalidade e ainda preservar a honra da lei de Deus.

A norma divina existia antes de o ser humano ser criado.

O sistema de sacrifícios devia ensinar ao ser humano a humildade, em vista de sua condição decaída, e conduzi-lo ao arrependimento e à confiança somente em Deus, por meio do Redentor prometido. Com isso, alcançaria perdão de sua transgressão da lei divina. Se a lei de Deus não tivesse sido transgredida, jamais haveria a morte nem seriam necessários preceitos adicionais para se ajustar à condição humana decaída.

Adão ensinou a seus descendentes a lei de Deus, a qual foi transmitida aos fiéis através de sucessivas gerações. A contínua transgressão da lei divina atraiu o dilúvio sobre a Terra. A lei foi preservada por Noé e sua família, que, por viverem de forma justa, foram salvos na arca por um milagre de Deus. Noé ensinou os Dez Mandamentos a seus descendentes. Desde Adão, o Senhor preservou para Si um povo em cujo coração estava Sua lei. Sobre Abraão, Ele disse: “[Ele] Me obedeceu e guardou Meus preceitos, Meus mandamentos, Meus decretos e Minhas leis” (Gênesis 26:5).

O Senhor apareceu a Abraão e declarou: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso; ande segundo a Minha vontade e seja íntegro. Estabelecerei a Minha aliança entre Mim e você e multiplicarei muitíssimo a sua descendência” (Gênesis 17:1, 2). “Estabelecerei a Minha aliança como aliança eterna entre Mim e você e os seus futuros descendentes, para ser o seu Deus e o Deus dos seus descendentes” (Gênesis 17:7).

Escrita em tábuas de pedra – Para que Seu povo tivesse completa consciência da lei, o próprio Senhor decidiu descer sobre o Sinai, envolto em glória e circundado por anjos. Assim, do modo mais sublime e

impressionante, Ele revelou Sua lei dos Dez Mandamentos. Não confiou seu ensino a ninguém, nem mesmo aos anjos, mas proclamou Ele mesmo Sua lei aos ouvidos de todo o povo. Ele nem mesmo a confiou à curta memória de um povo que era propenso a esquecer as exigências, mas escreveu-a com Seu próprio dedo sobre tábuas de pedra. Eles ficaram prevenidos de toda possibilidade de misturar qualquer tradição aos santos preceitos, ou de confundirem as exigências divinas com as práticas humanas.

Então Deus Se aproximou ainda mais de Seu povo, que era bastante predisposto a se desviar do caminho. Ele não quis deixá-lo meramente com os dez preceitos do Decálogo. Deus ordenou que Moisés escrevesse juízos e leis, à medida que falava, dando instruções minuciosas quanto ao que Ele exigia que cumprissem, e assim fossem protegidos os dez preceitos que havia gravado nas tábuas de pedra. Essas instruções e exigências específicas foram dadas para atrair o transgressor à obediência à lei moral, a qual ele era tão propenso a violar.

Se o povo de Deus tivesse obedecido aos princípios dos Dez Mandamentos, não teria sido necessário dar a Moisés instruções específicas, que ele escreveu em um livro, relativas ao dever para com Deus e de uns para com os outros. As instruções específicas que o Senhor deu a Moisés quanto à obrigação do povo, uns para com os outros e para com o estrangeiro, são os princípios dos Dez Mandamentos simplificados e enunciados de maneira clara, de modo que eles não precisavam errar.

O Senhor instruiu Moisés claramente quanto aos sacrifícios cerimoniais, que deviam cessar por ocasião da morte de Cristo. O sistema de sacrifícios simbolizava a oferta de Jesus como um Cordeiro sem defeito.

A TENDA DO DESERTO

O tabernáculo em Israel foi feito de acordo com a ordem de Deus. O Senhor providenciou pessoas e as habilitou com aptidões mais do que naturais a fim de realizar esse trabalho complexo. Nem a Moisés nem aos artistas foi permitido planejar a forma e a arte da construção.

Deus mesmo idealizou o plano e o apresentou a Moisés, com instruções específicas quanto a tamanho, forma e material a ser usado, e especificou cada peça do mobiliário que devia ser feita. Apresentou a Moisés um modelo em miniatura do santuário celestial e lhe ordenou que fizesse todas as coisas segundo o exemplo que lhe havia sido mostrado no monte.

Moisés escreveu todas as instruções em um livro e as leu para as pessoas mais influentes.

Então, o Senhor solicitou ao povo que apresentasse uma oferta espontânea a fim de fazer o santuário, para que Ele habitasse no meio deles. Foram necessários extensos e dispendiosos preparativos. Materiais caros e preciosos deviam ser coletados. Mas o Senhor aceitou somente ofertas voluntárias. Devoção ao trabalho de Deus e sacrifício de coração foram os primeiros requisitos ao se preparar um lugar para Ele. Enquanto a edificação do santuário era realizada e o povo apresentava suas ofertas a Moisés, e este as levava aos artífices, todos os sábios que trabalhavam na obra examinaram as ofertas e concluíram que o povo tinha ofertado o suficiente, e até mais do que podia ser usado. Moisés proclamou através do acampamento: “Nenhum homem ou mulher deverá fazer mais nada para ser oferecido ao santuário. Assim, o povo foi impedido de trazer mais” (Êxodo 36:6).

Um edifício para Deus encontrar Seu povo deve ser planejado cuidadosamente. Deve ser confortável, limpo e funcional, pois é para ser dedicado e apresentado a Deus. O Senhor é convidado a habitar nessa casa e torná-la sagrada com Sua santa presença. Deve-se ofertar ao Senhor o suficiente e de forma voluntária a fim de que liberalmente se conclua o trabalho, e então os construtores possam dizer: “Não tragam mais ofertas.”

De acordo com o modelo – Depois que a construção do tabernáculo foi completada, Moisés examinou todo o trabalho. Ele o comparou com o modelo e com as instruções recebidas de Deus e viu que tudo estava de acordo com o que lhe havia sido mostrado. Então, abençoou o povo.

Deus deu o modelo da arca a Moisés, junto com instruções especiais sobre como devia ser feita. A arca era para conter as tábuas de pedra, nas quais Deus havia gravado, com Seu próprio dedo, os Dez Mandamentos. Tinha a forma semelhante à de um baú e estava revestida de ouro puro por dentro e por fora. Era ornamentada com uma espécie de coroa de ouro ao redor da parte superior.

A cobertura dessa caixa sagrada era o propiciatório, feito de ouro maciço. De cada lado do propiciatório, estava erguido um querubim também de ouro puro e maciço. Suas faces estavam voltadas uma na direção da outra, e olhavam reverentemente para baixo na direção do propiciatório. Eles representavam os anjos celestiais olhando com interesse e reverência para a lei de Deus depositada na arca no santuário celestial.

Esses querubins tinham asas. Uma asa de cada anjo estendia-se para o alto, enquanto a outra asa de ambos cobria seu corpo. A arca do santuário terrestre era uma réplica da verdadeira arca no Céu. Lá, ao lado da arca celestial, permanecem anjos vivos, um em cada extremidade, e cada um deles, com uma asa estendida para o alto, cobre o propiciatório, enquanto a outra asa se dobra sobre o corpo, em sinal de reverência e humildade.

Foi requerido de Moisés que colocasse as tábuas de pedra na arca do santuário terrestre. Foram chamadas tábuas do testemunho; e a arca foi chamada a arca do testemunho, porque continha o testemunho de Deus nos Dez Mandamentos.

Dois compartimentos – O tabernáculo era composto de dois espaços, separados por uma cortina ou véu. Todo o mobiliário era feito de ouro maciço ou recoberto de ouro. As cortinas tinham uma variedade de cores formando uma belíssima combinação. Nessas cortinas foram bordados, com fios de ouro e prata, querubins que deviam representar o exército angelical, ligado ao trabalho do santuário do Céu, composto por anjos que ministram aos santos na Terra.

Atrás do segundo véu estava a arca do testemunho, e uma cortina bela e valiosa estendia-se diante da arca sagrada. Essa cortina não alcançava a parte superior do tabernáculo. A glória de Deus, que estava sobre o propiciatório, podia ser vista de ambos os compartimentos, mas do primeiro em menor grau.

Diante da arca, mas separado por uma cortina, estava o altar de incenso, revestido de ouro. O fogo sobre esse altar havia sido aceso pelo próprio Senhor. Era mantido de forma solene e alimentado com santo incenso, o qual enchia o santuário com uma fumaça perfumada, dia e noite. Essa fragrância se estendia por quilômetros ao redor do tabernáculo.

Quando oferecia o incenso diante do Senhor, o sacerdote olhava para o propiciatório. Muito embora não pudesse vê-lo, sabia que estava ali; e, enquanto a fumaça do incenso subia, a glória do Senhor descia sobre o propiciatório e enchia o lugar santíssimo. Era visível no lugar santo e frequentemente enchia ambos os compartimentos, de modo que o sacerdote se via impedido de officiar e obrigado a permanecer à porta do tabernáculo.

O sacerdote, no lugar santo, dirigindo pela fé sua oração ao propiciatório, o qual não podia ver, representava o povo de Deus erguendo suas

orações a Cristo diante do propiciatório no santuário celestial. Eles não veem seu Mediador com os olhos físicos, mas, com os olhos da fé, contemplam Cristo diante do propiciatório. Dirigem a Ele suas orações e confiantemente reivindicam os benefícios de Sua mediação.

Esses compartimentos sagrados não possuíam janelas para receber luz. O castiçal, feito do mais puro ouro, era conservado aceso noite e dia, e proporcionava luz a ambos os espaços. A luz das lâmpadas do castiçal refletia sobre as tábuas revestidas de ouro em ambos os lados do tabernáculo, sobre os sagrados móveis e sobre as cortinas de belas cores com querubins bordados com fios de ouro e prata. O cenário era glorioso e indescritível.

Nenhuma linguagem consegue descrever a beleza, o encanto e o esplendor sagrado que esses compartimentos apresentavam. O ouro do santuário refletia as cores das cortinas, semelhantes às diferentes cores do arco-íris.

Somente uma vez por ano, o sumo sacerdote podia entrar no lugar santíssimo, depois de um preparo bastante cuidadoso e solene. Nenhum olho humano, exceto o do sumo sacerdote, podia ver a grandeza sagrada desse compartimento, porque era o lugar especial de habitação da glória visível de Deus. O sumo sacerdote sempre entrava ali com profunda reverência, enquanto o povo aguardava seu retorno com silêncio solene. Seu desejo mais fervoroso era que Deus os abençoasse.

Diante do propiciatório, Deus Se comunicava com o sumo sacerdote. Se ele permanecia no santíssimo mais tempo do que o normal, o povo ficava, muitas vezes, tomado de pavor, temendo que, por causa de seus pecados ou algum pecado do sacerdote, a glória do Senhor o tivesse fulminado. Mas, quando o som das campainhas de suas vestes era ouvido, eles ficavam bastante aliviados. Então ele saía e abençoava o povo.

Depois que o trabalho do tabernáculo foi concluído, “a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porquanto a nuvem ficava sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo” (Êxodo 40:34, 35). Pois “a nuvem do Senhor estava de dia sobre o tabernáculo, e o fogo estava de noite sobre ele, perante os olhos de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas” (Êxodo 40:38).

O tabernáculo tinha sido construído de modo que pudesse ser desmontado e levado com os israelitas em todas as suas viagens.



O libertador

capítulo

6

Chegou o tempo em que Cristo devia assumir a natureza humana, humilhar-Se como homem e sofrer as tentações de Satanás.

Seu nascimento foi destituído de grandeza mundana. Ele nasceu em um estábulo e teve por berço uma manjedoura. No entanto, o nascimento de Jesus recebeu muito mais honras do que o de qualquer dos seres humanos.

Anjos celestiais informaram os pastores sobre o acontecimento, e a luz e a glória de Deus acompanharam esse testemunho. O exército celestial tocou harpas e glorificou a Deus. Triunfantemente se anunciou a vinda do Filho de Deus a um mundo caído, a fim de cumprir a obra da redenção e trazer paz, felicidade e vida eterna ao ser humano, por meio de Sua morte. Deus honrou a chegada de Seu Filho, e os anjos O adoraram.

O batismo – Anjos de Deus pairaram também sobre a cena de Seu batismo; o Espírito Santo desceu sob a forma de uma pomba e resplandeceu sobre Ele. Estando o povo grandemente admirado, com os olhos fixos em Jesus, ouviu-se do Céu a voz do Pai, dizendo: “Tu és o Meu Filho amado; em Ti Me agrado” (Marcos 1:11).

João não sabia que era o Salvador que tinha ido para ser batizado por ele no Jordão. No entanto, o Senhor lhe havia prometido um sinal pelo qual conheceria o Cordeiro de Deus. O sinal foi dado ao pousar sobre Jesus a pomba celestial, e a glória de Deus resplandeceu ao redor dEle. João estendeu a mão, apontando para Jesus, e exclamou em alta voz: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

A tentação – Depois do batismo no Jordão, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo. O Espírito Santo O havia preparado para aquele momento específico de duras tentações. Durante 40 dias, Jesus foi tentado por Satanás, e nesses dias não comeu nada. Tudo ao redor dEle era desagradável e repulsivo. Ele estava diante de animais selvagens e do diabo, em um lugar desolado e solitário. O Filho de

Deus ficou pálido e enfraquecido pelo jejum e pelo sofrimento. Seu caminho, porém, estava traçado, e Ele deveria cumprir a obra que viera fazer.

Satanás tirou vantagens dos sofrimentos do Filho de Deus e preparou-se para assediá-Lo com múltiplas tentações. Esperava obter vitória sobre Ele, porque havia Se humilhado como um homem. Satanás surgiu com a seguinte tentação: “Se és o Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães” (Mateus 4:3). Ele tentou convencer Jesus a provar que era o Messias, exercendo Seu poder divino. Jesus, de maneira branda, respondeu: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’” (Mateus 4:4).

**Cristo é o exemplo
para todos os cristãos.**

O inimigo queria discutir com Jesus a respeito do fato de Ele ser o Filho de Deus. Fez menção à Sua condição fraca e sofredora e, orgulhosamente, afirmou ser mais forte do que Jesus. No entanto, as palavras vindas do Céu: “Tu és o Meu Filho amado; em Ti Me agrado” (Lucas 3:22) foram suficientes para confortar Jesus em meio a todos os sofrimentos. Cristo não precisava fazer nada para convencer Satanás quanto a Seu poder ou a ser o Salvador do mundo. O diabo tinha prova suficiente da posição elevada e da autoridade do Filho de Deus. A indisposição em se render à autoridade de Cristo o havia excluído do Céu.

Para manifestar seu poder, Satanás levou Jesus a Jerusalém e O colocou na parte mais alta do templo. Queria que Cristo provasse ser o Filho de Deus, lançando-Se abaixo daquela vertiginosa altura. O inimigo usou palavras da inspiração: “Porque está escrito: Aos Seus anjos ordenará a Teu respeito que Te guardem; e: Eles Te susterrão nas Suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra” (Lucas 4:10, 11). Jesus, respondendo-lhe, disse: “Dito está: ‘Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus’” (Lucas 4:12).

Satanás queria que Jesus abusasse da misericórdia do Pai e arriscasse a vida antes do cumprimento de Sua missão. Ele esperava que o plano da salvação fracassasse; mas esse plano estava muito bem estabelecido para que fosse arruinado ou prejudicado.

Cristo é o exemplo para todos os cristãos. Quando eles são tentados ou seus direitos são discutidos, devem suportar isso pacientemente.

Os servos de Cristo não devem achar que têm direito de apelar para o Senhor a fim de ostentar Seu poder em obter vitória sobre seus inimigos,

a menos que Deus seja diretamente honrado e glorificado por meio disso. Se Jesus tivesse Se jogado de cima do templo, não teria glorificado o Pai, pois ninguém teria testemunhado esse ato a não ser Satanás e os anjos de Deus. Além disso, exibir poder ao pior adversário teria sido tentar ao Senhor. Isso teria sido ceder àquele que Jesus viera para vencer.

Em seguida, “o diabo O levou a um lugar alto e mostrou-Lhe num relance todos os reinos do mundo. E Lhe disse: ‘Eu Te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu esplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser. Então, se me adorares, tudo será Teu.’ Jesus respondeu: ‘Está escrito: Adore o Senhor, o seu Deus, e só a Ele preste culto’” (Lucas 4:5-8).

Satanás apresentou diante de Jesus os reinos do mundo da forma mais atrativa. Se Cristo o adorasse ali, o diabo estaria disposto a renunciar às suas pretensões de dominar a Terra.

Se o plano da salvação fosse executado e Jesus morresse para redimir o ser humano, Satanás sabia que seu poder se tornaria limitado e, por fim, seria tirado, e que ele seria destruído. Portanto, era seu plano premeditado impedir, se possível, o cumprimento da grande obra que o Filho de Deus havia iniciado. Se o plano da redenção humana falhasse, Satanás conservaria o reino que reivindicava. Ele se vangloriava de que, se fosse bem-sucedido, reinaria em oposição ao Deus do Céu.

Satanás se alegrou ao ver Jesus depondo o poder e a glória quando deixou o Céu. Achava que o Filho de Deus estaria então sob seu poder. A tentação foi acolhida tão facilmente por Adão e Eva no Éden que ele esperava, com seu poder e engano satânicos, derrotar até o Filho de Deus, salvando por esse meio a própria vida, bem como seu reino. Se ele pudesse levar Jesus a Se afastar da vontade do Pai, seu objetivo estaria alcançado. No entanto, Jesus confrontou o tentador com a repreensão: “Retire-se, Satanás” (Mateus 4:10). Ele Se curvaria unicamente diante de Seu Pai.

Satanás considerava como seu o reino da Terra e insinuou a Jesus que todos os Seus sofrimentos poderiam ser evitados. Disse que Ele não precisava morrer para obter os reinos deste mundo e que, se o adorasse, poderia ter todas as posses da Terra e a glória de reinar sobre elas.

No entanto, Jesus permaneceu firme. Sabia que viria o tempo em que Ele, por Sua própria vida, resgataria de Satanás o reino e que, depois de algum tempo, tudo no Céu e na Terra se submeteria a Ele. Preferiu a vida de sofrimento e a terrível morte como o caminho indicado pelo Pai, a fim de tornar-Se o legítimo herdeiro dos reinos da Terra e tê-los em Suas mãos

como uma posse eterna. Satanás também será entregue para ser destruído pela morte, para nunca mais perturbar Jesus nem os santos na glória.

Aliviando o sofrimento – Jesus iniciou Sua obra quebrando o poder de Satanás sobre os que sofriam. Restabeleceu a saúde dos doentes, deu vista aos cegos e curou os deficientes físicos, fazendo-os saltar de alegria e glorificar a Deus. Restaurou a saúde dos que estavam enfermos e presos, por muitos anos, pelo cruel poder de Satanás. Com palavras cheias de graça, Ele animou os fracos, indecisos e desanimados.

Os frágeis e sofredores, que Satanás mantinha com triunfo, Jesus arrancou de suas garras, dando-lhes vigor físico e grande alegria e felicidade. Ressuscitou mortos, e estes glorificaram a Deus pela poderosa manifestação de Seu poder. Ele atuou de maneira poderosa em favor de todos os que criam.

A vida de Cristo estava repleta de palavras e atos de bondade, compaixão e amor. Estava sempre atento para escutar e aliviar as misérias daqueles que iam até Ele. No corpo restaurado à saúde, multidões levavam a evidência de Seu poder divino. No entanto, depois que a obra era cumprida, muitos se envergonhavam do humilde mas poderoso Mestre.

Como as autoridades não criam em Jesus, o povo não estava disposto a aceitá-Lo. Ele foi um Homem de dores e experimentado no sofrimento. Os pecadores não suportariam ser governados por Sua vida sóbria e abnegada. Desejavam desfrutar a honra que o mundo confere. Entretanto, muitos seguiam o Filho de Deus e escutavam Suas instruções, deleitando-se com as palavras que tão graciosamente saíam de Sua boca. As palavras de Jesus eram repletas de significado e tão claras que os mais simples podiam compreender.

Oposição persistente – Satanás e seus anjos cegaram os olhos e obscureceram o entendimento dos judeus e instigaram os líderes do povo e as autoridades para tirar a vida do Salvador. Foram enviados oficiais a fim de conduzir Jesus até os líderes. Contudo, ao chegarem perto de onde Ele estava, ficaram perplexos. Viram Jesus, cheio de empatia e compaixão, enquanto aliviava a aflição das pessoas. Ouviram Cristo falar com amor e ternura aos fracos e aflitos, animando-os. Testemunharam Sua autoridade ao repreender o poder de Satanás e libertar seus cativos. Ouviram as palavras de sabedoria que saíam de Sua boca e se deixaram cativar por elas. Assim, não conseguiram capturá-Lo. Então, voltaram aos sacerdotes e anciãos, sem Jesus.

Quando interrogados: “Por que vocês não O trouxeram?”, relataram o que haviam testemunhado de Seus milagres e as santas palavras de sabedoria, amor e conhecimento que tinham ouvido, e disseram: “Ninguém jamais falou da maneira como esse Homem fala” (João 7:45, 46).

Os chefes dos sacerdotes os acusaram de ser também enganados, e alguns dos oficiais ficaram envergonhados de não O haverem prendido. Os sacerdotes questionaram, de maneira desdenhosa, se alguma das autoridades havia crido nEle. Muitos dos juízes e anciãos creram em Jesus, mas o maligno os impedia de confessar isso. Temiam a censura do povo mais do que a Deus.

Apesar disso, a astúcia e o ódio de Satanás não tinham destruído o plano da salvação. O tempo para o cumprimento do objetivo pelo qual Jesus veio ao mundo estava se aproximando. Satanás e seus anjos se reuniram e decidiram inspirar a própria nação de Cristo a clamar impetuosamente por Seu sangue, acumulando sobre Ele crueldade e escárnio. Esperavam que Jesus se ressentisse desse tratamento e deixasse de manter humildade e mansidão.

Enquanto o diabo formulava seus planos, Jesus revelava cuidadosamente aos discípulos os sofrimentos pelos quais deveria passar, a saber, que Ele seria crucificado e ressuscitaria no terceiro dia. No entanto, pareciam estar cegos e não compreendiam o que Ele lhes dizia.

A CRUCIFICAÇÃO

Cristo, o precioso Filho de Deus, foi levado e entregue ao povo para ser crucificado. Os discípulos e os crentes das regiões vizinhas se uniram à multidão que seguia o Mestre ao Calvário. A mãe de Jesus também estava ali, amparada por João, o discípulo amado. Seu coração estava partido por uma angústia indescritível. No entanto, juntamente com os discípulos, ela esperava que a dolorosa cena mudasse, que Jesus declarasse Seu poder e aparecesse diante de Seus inimigos como o Filho de Deus. Então, seu coração materno se afligiu novamente quando ela relembrou as palavras com as quais Ele fizera uma breve referência às coisas que estavam acontecendo naquele dia.

Jesus mal tinha passado o portão da casa de Pilatos quando a cruz preparada para Barrabás foi posta sobre Seus ombros feridos e ensanguentados. Foram colocadas também cruzes sobre os companheiros de Barrabás, que deviam sofrer a morte junto com Jesus. O Salvador havia conduzido Seu fardo só por uns poucos passos quando, devido à perda de sangue e excessiva fraqueza e dor, caiu desmaiado ao chão.

Quando Jesus voltou a Si, a cruz foi novamente colocada sobre Seus ombros e Ele foi forçado a avançar.

Pregado na cruz – Chegando ao lugar da execução, os condenados foram amarrados ao instrumento de tortura. Enquanto os dois ladrões lutaram com as mãos dos que os colocavam na cruz, Cristo não ofereceu resistência alguma. A mãe de Jesus olhava com angústia e incerteza, esperando que Ele realizasse um milagre para Se salvar. Viu Suas mãos estendidas sobre a cruz – aquelas bondosas mãos que sempre tinham concedido bênçãos e se estendido muitas vezes para curar os sofredores. Então foram pegos o martelo e os pregos. Ao serem estes cravados em Sua carne e fixados na cruz, os discípulos, com o coração quebrantado, levaram da cena cruel o corpo desmaiado da mãe de Jesus.

Cristo não fez uma queixa sequer. Seu rosto permaneceu calmo e sereno, mas grandes gotas de suor estavam em Sua fronte. Não houve uma piedosa mão para enxugar o suor da morte de Sua face, nem palavras de compaixão e fidelidade inabalável para confortar Seu coração humano. Ele estava pisando sozinho o lagar. Entre todas as pessoas ali, não havia nenhuma com Ele.

Enquanto os soldados executavam a terrível obra, na mais intensa agonia Jesus orava por Seus inimigos: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34). Aquela oração de Cristo pelos inimigos abrangia o mundo inteiro, envolvendo cada pecador que viveria, até o fim dos tempos.

Depois de Jesus ser pregado na cruz, esta foi erguida por vários homens fortes e lançada com grande violência no lugar preparado para ela, causando a mais intensa dor ao Filho de Deus. Então uma cena terrível ocorreu. Sacerdotes, autoridades e escribas esqueceram a dignidade de seu sagrado ofício e se uniram à multidão em zombar e ridicularizar o agonizante Filho de Deus, dizendo: “Se Tu és o Rei dos Judeus, salva-Te a Ti mesmo” (Lucas 23:37). Alguns, em tom jocoso, repetiam entre si: “Salvou os outros, e não pode salvar-Se a Si mesmo” (Marcos 15:31). Os dignitários do templo, os rudes soldados, o infeliz ladrão na cruz e os cruéis entre a multidão – todos se uniram nos insultos a Cristo.

Os ladrões crucificados com Jesus sofriam a mesma tortura física. Entretanto, um deles, por causa do sofrimento, tornou-se mais insensível e desesperado. Juntou-se à zombaria dos sacerdotes e insultou Jesus, dizendo: “Se Tu és o Cristo, salva-Te a Ti mesmo, e a nós” (Lucas 23:39).

O outro criminoso não ficou indiferente. Quando ouviu as palavras de seu companheiro de crime, ele o repreendeu, dizendo: “Você não teme a Deus, nem estando sob a mesma sentença? Nós estamos sendo punidos com justiça, porque estamos recebendo o que os nossos atos merecem. Mas este Homem não cometeu nenhum mal” (Lucas 23:40, 41). Então, quando seu coração se voltou para Cristo, uma luz celestial iluminou sua mente. Naquele Jesus, ferido, zombado e pendurado na cruz, ele viu o Redentor, sua única esperança, e a Ele apelou com humildade e fé: “Senhor lembra-Te de mim, quando vieres no Teu reino. E Jesus lhe disse: Na verdade te digo hoje, que estarás comigo no Paraíso” (Lucas 23:42, 43, Versão Trinitária).

Com espanto, os anjos contemplavam o infinito amor de Cristo, que, sofrendo a mais intensa agonia física e mental, pensava somente nos outros e encorajava o coração arrependido a crer. Enquanto derramava a própria vida na morte, Ele exerceu pelo ser humano um amor mais forte do que a morte. Muitos dos que testemunharam essas cenas no Calvário foram por elas, posteriormente, firmados na fé em Cristo.

Os inimigos de Jesus aguardavam Sua morte com uma expectativa impaciente. Imaginavam que esse acontecimento apagaria para sempre os rumores de Seu poder divino e as maravilhas de Seus milagres. Gabavam-se de que não teriam mais que tremer por causa de Sua influência. Os soldados cruéis que haviam pregado o corpo de Jesus na cruz dividiram entre eles Suas vestes, disputando uma peça, que era uma túnica sem costura. Finalmente, decidiram o assunto lançando sortes.

O autor inspirado descreveu essa cena com detalhes, centenas de anos antes de ela ocorrer: “Cães Me rodearam! Um bando de homens maus Me cercou! Perfuraram Minhas mãos e Meus pés. [...] Dividiram as Minhas roupas entre si, e lançaram sortes pelas Minhas vestes” (Salmos 22:16, 18).

A missão da vida terrena de Cristo estava então quase cumprida. Sua língua estava ressecada, e Ele disse: “Tenho sede” (João 19:28). Encharcaram uma esponja com vinagre e fel e ofereceram a Ele para beber. Mas, quando a provou, recusou-a. O Senhor da vida e da glória estava morrendo como resgate pela raça humana. Foi o senso do pecado, trazendo a ira do Pai sobre Si como substituto dos seres humanos, que tornou tão amargo o cálice que Jesus bebeu, o qual quebrantou o coração do Filho de Deus.

Cristo foi feito substituto e penhor do pecador, e a iniquidade humana foi posta sobre Ele. Foi contado como transgressor a fim de redimir os seres humanos da maldição da lei. A culpa de cada

descendente de Adão em todos os séculos pesava sobre Seu coração; e a ira de Deus e a terrível manifestação de Seu desagrado por causa da iniquidade encheram de consternação a mente de Seu Filho. Nessa hora de intensa angústia, o afastamento do semblante divino feriu o coração do Salvador, causando uma dor que nunca poderá ser bem compreendida pelo ser humano.

Toda dor suportada pelo Filho de Deus sobre a cruz, as gotas de sangue que corriam de Sua fronte, das mãos e dos pés, as convulsões de agonia que sacudiam Seu corpo e a indescritível angústia que enchia Sua alma quando o Pai ocultou dEle a face falam ao ser humano, dizendo: “Foi por amor a você que o Filho de Deus consentiu em levar sobre Si esses odiosos crimes; por você, Ele rompeu o domínio da morte e abriu os portões do Paraíso e da vida imortal.”

Aquele que, por Sua Palavra, acalmou as ondas revoltas e andou sobre as águas agitadas, que fez demônios tremerem e a doença fugir a Seu toque, que chamou os mortos à vida e abriu os olhos dos cegos ofereceu a Si mesmo sobre a cruz como o último sacrifício pelo ser humano. Ele, o portador dos pecados, suportou uma punição judicial pela iniquidade e tornou-Se Ele mesmo pecado, em favor do homem.

Satanás, com suas tentações cruéis, torturava o coração de Jesus. O pecado, tão odioso à Sua vista, foi acumulado sobre Jesus até que Ele sucumbiu sob seu peso. Não é de admirar que Sua natureza humana tenha vacilado nessa hora terrível. Com espanto, os anjos presenciaram a agonia desesperada do Filho de Deus, muito maior que a dor física, que quase não era sentida por Ele. Os anjos do Céu cobriram o rosto para não ver as cenas terríveis.

A natureza inanimada parecia sofrer diante do que ocorria com seu Criador, que morria de forma tão ultrajante. O Sol recusou iluminar a cena espantosa. Seus raios fortes e brilhantes clareavam a Terra ao meio-dia, quando, de repente, escureceram. Completa escuridão, como um manto de morte, envolveu a cruz e seus arredores. As trevas permaneceram por três horas. Por volta das três da tarde, a terrível escuridão se afastou de sobre o povo, mas como um manto continuou a envolver o Salvador. Os relâmpagos furiosos pareciam ser lançados sobre Ele, enquanto estava suspenso na cruz. Então “Jesus bradou em alta voz: ‘Eloí, Eloí, lamá sabactâni?’, que significa ‘Meu Deus! Meu Deus! Por que Me abandonaste?’” (Marcos 15:34).

“Está consumado” – Em silêncio, o povo aguardava o fim da terrível cena. Outra vez o Sol brilhou, mas a cruz continuava circundada de trevas. De repente, a sombra ergueu-se de sobre a cruz; e, em tons claros, como de trombeta, que pareciam ressoar por toda a criação, Jesus bradou: “Está consumado!” (João 19:30). “Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito” (Lucas 23:46). Uma luz envolveu a cruz, e a face do Salvador brilhou com uma glória semelhante à do Sol. Baixando então a cabeça sobre o peito, deu o último suspiro.

No momento em que Cristo morreu, havia sacerdotes ministrando no templo diante do véu que separava o lugar santo do santíssimo. Subitamente eles sentiram a terra tremer sob seus pés; e o véu do templo, uma forte e valiosa cortina renovada anualmente, foi rasgado em dois, de cima a baixo pela mesma mão misteriosa que escreveu as palavras de condenação nas paredes do palácio de Belsazar.

Jesus não entregou a vida até ter cumprido a obra que viera realizar. Ele exclamou em Seu último suspiro: “Está consumado!” (João 19:30). Os anjos se alegraram quando essas palavras foram proferidas, pois o grande plano da redenção estava sendo concretizado de maneira triunfante. Houve alegria no Céu, pois os filhos de Adão, a partir daquele momento, poderiam, mediante uma vida de obediência, por fim ser elevados à presença de Deus. Satanás foi derrotado e sabia que seu reino estava perdido.

O sepultamento – João estava ansioso para saber que medidas tomar em relação ao corpo de seu querido Mestre. Estremeceu ao pensar que seria tocado por soldados brutos e insensíveis e colocado em uma sepultura desonrosa. Sabia que não podia obter nenhum favor das autoridades judaicas e esperava pouco de Pilatos. No entanto, José e Nicodemos tomaram a dianteira nessa emergência. Ambos eram membros do Sinédrio e tinham ligação com Pilatos. Sendo ricos e influentes, decidiram que o corpo de Jesus teria um sepultamento digno.

José ousadamente foi a Pilatos e pediu-lhe o corpo do Senhor. Pilatos então deu uma ordem oficial para que fosse entregue a José. Enquanto o discípulo João estava aflito quanto ao corpo sagrado do amado Mestre, José de Arimateia voltou com a ordem do governador. Nicodemos, antecipando o resultado da conversa de José com Pilatos, chegou com uma mistura muito cara de mirra e aloés, de cerca de 35 quilos. A pessoa mais

honrada em Jerusalém, não se poderia demonstrar mais respeito na hora da morte.

De forma delicada e reverente, eles removeram com as próprias mãos o corpo de Jesus do instrumento de tortura. Derramavam lágrimas de compaixão ao contemplarem Seu corpo ferido e desfigurado, que cuidadosamente banharam e limparam das marcas de sangue. José tinha um sepulcro novo, talhado em uma rocha, que estava reservado para si mesmo; ficava próximo ao Calvário, e ele preparou seu sepulcro para Jesus.

Com as especiarias levadas por Nicodemos, o precioso corpo foi cuidadosamente envolto em um lençol de linho, e os três discípulos conduziram-no ao sepulcro novo, onde homem algum jamais havia sido colocado. Eles endireitaram os membros lacerados e cruzaram as mãos feridas sobre o peito inerte.

As mulheres da Galileia foram ver se havia sido feito tudo o que se podia pelo corpo sem vida do querido Mestre. Viram, então, que a pedra pesada havia sido rolada para a entrada do sepulcro, e o Salvador, deixado a repousar. As mulheres foram as últimas junto à cruz e as últimas também a deixar o sepulcro.

Embora as autoridades judaicas tivessem realizado o propósito diabólico de matar o Filho de Deus, suas apreensões não diminuíram nem sua inveja morreu. Misturado com a alegria da vingança satisfeita, havia um temor sempre presente de que o corpo morto, repousando no sepulcro de José, pudesse voltar à vida. Por isso, “os chefes dos sacerdotes e os fariseus dirigiram-se a Pilatos e disseram: ‘Senhor, lembramos que, enquanto ainda estava vivo, aquele impostor disse: ‘Depois de três dias ressuscitarei.’ Ordena, pois, que o sepulcro dEle seja guardado até o terceiro dia, para que não venham os discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que Ele ressuscitou dentre os mortos. Este último engano será pior do que o primeiro’” (Mateus 27:62-64).

Pilatos também não desejava que Jesus ressurgisse com poder para punir a culpa daqueles que O haviam executado. Assim, colocou uma escolta de soldados romanos sob o comando dos sacerdotes.

Os judeus compreendiam a vantagem de ter essa guarda nas proximidades do túmulo de Jesus. Foi colocado um selo sobre a pedra que fechava o sepulcro para não ser violado sem ser percebido. Todas as precauções foram tomadas contra qualquer prática fraudulenta dos discípulos em relação ao corpo de Jesus. Entretanto, todos esses planos e precauções apenas serviram para tornar maior o êxito da ressurreição e mais plenamente estabelecida a sua veracidade.



A conquista

capítulo

7

Os discípulos descansaram no sábado, entristecidos pela morte do Senhor, enquanto Jesus, o Rei da Glória, jazia no túmulo. Aproximando-se a noite, soldados se posicionaram para guardar o lugar de repouso do Salvador, enquanto anjos invisíveis pairavam sobre o local sagrado.

A noite passou lentamente e, enquanto ainda era escuro, os anjos vigilantes sabiam que estava quase chegando a hora para o livramento do amado Filho de Deus, seu querido Comandante.

Enquanto esperavam com a mais profunda emoção a hora do triunfo de Cristo, um poderoso anjo veio voando rapidamente do Céu. Seu rosto era como o relâmpago, e suas vestes brancas como neve. Sua luz dissipava as trevas por onde passava e fez com que os anjos maus, que triunfantemente reivindicavam o corpo de Jesus, fugissem com terror de seu brilho e glória.

Um dos anjos do exército celestial, que havia testemunhado a cena da humilhação de Cristo e estivera vigiando Seu lugar de repouso, uniu-se ao anjo vindo do Céu, e juntos desceram ao sepulcro. A terra tremeu e se agitou quando se aproximaram, e houve um grande terremoto.

O terror se apoderou da guarda romana. Onde estava agora o seu poder para guardar o corpo de Jesus? Não pensaram em seu dever nem que os discípulos o pudessem roubar. Sob o resplendor da luz dos anjos, mais brilhante do que o Sol, a guarda romana caiu como morta ao chão. Um dos anjos segurou firmemente a grande pedra, rolou-a da porta do sepulcro e sentou-se sobre ela. O outro entrou no túmulo e desatou o pano da cabeça de Jesus.

“Teu Pai Te chama” – Então o anjo que chegara do Céu, com uma voz que fez a terra tremer, bradou: “Filho de Deus, Teu Pai Te chama! Sai!” A morte não mais poderia ter domínio sobre Ele. Jesus ressurgiu dos mortos, como um vencedor triunfante. Com solene temor, os anjos contemplaram a cena. E, ao Jesus sair do sepulcro, aqueles anjos resplandescentes se prostraram em terra, em adoração, e O aclamaram com cânticos de vitória e triunfo.

Os anjos de Satanás foram obrigados a fugir diante da luz brilhante e intensa dos anjos celestiais. Eles amargamente se queixaram a seu líder de que a presa lhes havia sido violentamente tomada e que Aquele que tanto odiavam havia ressuscitado dos mortos.

Satanás e seu exército tinham se alegrado com o fato de que o poder deles sobre o homem decaído houvesse feito com que o Senhor da vida fosse posto no túmulo. No entanto, esse triunfo infernal durou pouco. Pois, ao sair Jesus de Sua prisão, como um majestoso vencedor, Satanás soube que, depois de algum tempo, ele próprio deveria morrer, e seu reino passaria Àquele a quem pertencia por direito. Ele lamentou e ficou irado, pois, apesar de todos os esforços, Jesus não fora vencido. Ao contrário, Ele tinha aberto um caminho de salvação para o ser humano, e qualquer um que quisesse entraria nele e seria salvo.

Os anjos maus e seu comandante se reuniram em conselho para considerar como continuariam o trabalho contra o governo de Deus. Então Satanás mandou seus servos irem aos chefes dos sacerdotes e anciãos. ele Disse: “Conseguimos enganá-los, cegando seus olhos e endurecendo seu coração contra Jesus. Fizemos com que acreditassem que Ele era um impostor. Agora, aquela guarda romana levará a notícia odiosa de que Cristo ressuscitou. Nós levamos os sacerdotes e anciãos a odiar Jesus e a matá-Lo. Então mostrem a eles que, caso se torne conhecido o fato de que Cristo ressuscitou, serão apedrejados pelo povo por matarem um Homem inocente.”

O relatório da guarda romana – Quando o exército de anjos celestiais se afastou do sepulcro e se dissiparam a luz e a glória, a guarda romana se arriscou a erguer a cabeça e olhar ao redor. Encheram-se de espanto ao ver que a grande pedra tinha sido rolada da entrada do sepulcro e que o corpo de Jesus havia desaparecido. Foram apressadamente à cidade para contar aos sacerdotes e anciãos o que tinham visto.

Ao ouvir a impressionante notícia, aqueles assassinos ficaram pálidos. Foram tomados de horror ao pensar no que haviam feito. Se a notícia era verdadeira, eles estavam perdidos. Por algum tempo, ficaram sentados em silêncio, olhando uns para os outros, não sabendo o que fazer ou dizer. Aceitar a notícia seria condenar-se. Eles se reuniram para decidir o que deveria ser feito. Falaram que, se a notícia dada pela guarda circulasse entre o povo, aqueles que mataram Cristo seriam mortos como Seus assassinos.

Resolveram, então, subornar os soldados para manter o assunto em segredo. Os sacerdotes e anciãos lhes ofereceram uma grande soma de dinheiro para que dissessem: “Os discípulos dEle vieram durante a noite e furtaram o corpo, enquanto estávamos dormindo” (Mateus 28:13). Quando a guarda questionou o que seria feito com eles por dormirem em seu posto, os oficiais judeus prometeram convencer o governador em benefício da segurança deles. Por amor ao dinheiro, a guarda romana vendeu sua honra e concordou em seguir a recomendação dos sacerdotes e anciãos.

As mulheres no sepulcro – Cedo, na manhã do primeiro dia da semana, antes que clareasse, as mulheres chegaram ao sepulcro, levando especiarias suaves para ungir o corpo de Jesus. Notaram que a pedra pesada tinha sido rolada da entrada do sepulcro e que o corpo de Cristo não estava ali. Ficaram abatidas e temeram que seus inimigos tivessem levado o corpo. Subitamente, elas viram dois anjos com vestes brancas e com rosto resplandecente.

Esses seres celestiais compreenderam a intenção das mulheres e, imediatamente, lhes disseram que Jesus não estava ali, que havia ressuscitado, mas que podiam ver o lugar onde havia estado. Pediram que fossem dizer aos discípulos que Ele iria à frente deles para a Galileia. Com temor e grande alegria, as mulheres foram apressadamente até os entristecidos discípulos e contaram a eles as coisas que tinham visto e ouvido. Os apóstolos não acreditavam que Jesus tivesse ressuscitado. Mesmo assim, juntamente com as mulheres que tinham levado a notícia, eles correram apressadamente ao sepulcro. Verificaram que Jesus não estava ali. Viram as roupas de linho, mas não conseguiam acreditar nas boas-novas de que Ele havia ressuscitado dentre os mortos. Então eles voltaram para casa admirados com o que tinham visto e também com a notícia dada pelas mulheres.

Notaram que a pedra pesada tinha sido rolada da entrada do sepulcro e que o corpo de Cristo não estava ali.

Maria preferiu ficar ao lado do sepulcro, pensando no que tinha visto e angustiada com o pensamento de que pudesse ter sido enganada. Pressentia que momentos difíceis a aguardavam. Sua dor se renovou, e ela começou a chorar amargamente. Abaixou-se para olhar de novo dentro do sepulcro

e viu dois anjos vestidos de branco. Um estava assentado no lugar em que estivera a cabeça de Jesus, e o outro onde estiveram os pés. Eles falaram a ela com ternura e perguntaram por que chorava. Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde O puseram” (João 20:13).

“Não Me detenhas” – Ao sair do sepulcro, Maria viu Jesus ali perto, em pé, mas não O reconheceu. Ele falou-lhe com ternura, questionando a causa de sua tristeza e perguntando quem ela procurava. Supondo que fosse o jardineiro, suplicou-lhe que, se ele tinha levado o corpo do Senhor, lhe dissesse onde O havia posto, para que ela pudesse levá-Lo.

Jesus falou-lhe com Sua própria voz celestial, dizendo: “Maria!” (João 20:16). Ela já conhecia a tonalidade daquela doce voz e prontamente respondeu: “Mestre!” (João 20:16). Em sua alegria, apressou-se para abraçá-Lo. Porém, Jesus disse: “Não Me detenhas; porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai ter com os Meus irmãos e dize-lhes: Subo para Meu Pai e vosso Pai, para Meu Deus e vosso Deus” (João 20:17).

Com alegria, ela correu imediatamente aos discípulos com as boas-novas. Jesus rapidamente subiu ao Pai a fim de ouvir de Seus lábios que Ele aceitara o sacrifício e para receber todo o poder no Céu e na Terra.

Anjos, assemelhando-se a uma nuvem, rodearam o Filho de Deus e ordenaram que os portais eternos se levantassem, para que o Rei da Glória entrasse. Enquanto estava com aquele resplandecente exército celestial, na presença de Deus e cercado de glória, Jesus não Se esqueceu dos discípulos na Terra. Ele recebeu poder do próprio Pai a fim de voltar e transmiti-lo a Seus seguidores. No mesmo dia, voltou e mostrou-Se a eles. Permitiu-lhes então que Lhe tocassem, pois tinha ascendido ao Pai e havia recebido poder.

Quarenta dias ainda na Terra – Jesus permaneceu com os discípulos quarenta dias, proporcionando satisfação e alegria ao lhes revelar mais amplamente as realidades do reino de Deus.

Ele os comissionou a dar testemunho das coisas que tinham visto e ouvido, com relação a Seus sofrimentos, Sua morte e ressurreição. Deveriam anunciar que Ele fizera um sacrifício pelo pecado e que todos que quisessem poderiam ir a Ele e encontrar vida. Com afeição sincera, disse-lhes que seriam perseguidos e enfrentariam tribulações, mas que encontrariam alívio, recordando-se de Sua experiência e lembrando-se de Suas palavras.

Jesus lhes contou que tinha vencido as tentações de Satanás e obtido vitória por meio de provas e sofrimentos. O diabo não mais teria poder sobre Ele, mas faria suas tentações recaírem mais diretamente sobre os discípulos e todos os que cressem em Seu nome. Entretanto, eles poderiam vencer, assim como Ele venceu.

Cristo dotou Seus seguidores de poder para fazer milagres e disse-lhes que, embora fossem perseguidos por pessoas ímpias, Ele enviaria os anjos, de tempos em tempos, para livrá-los. A vida deles não poderia ser tirada antes que sua missão fosse cumprida. Poderia então ser exigido deles selar com sangue os testemunhos que dariam.

Os discípulos, ansiosos e alegremente, escutaram os ensinamentos, absorvendo com avidez cada palavra que saía de Sua boca. Sabiam então com certeza que Ele era o Salvador do mundo. Suas palavras lhes calavam profundamente no coração, e enristeciam-se de que logo teriam que se separar de seu Mestre e não mais ouviriam de Seus lábios palavras confortadoras e bondosas.

Novamente o coração deles se encheu de amor e imensa alegria, ao ouvirem Jesus dizer que lhes prepararia moradas, que viria outra vez e os receberia, para que pudessem estar sempre com Ele. Prometeu também enviar o Consolador, o Espírito Santo, para guiá-los em toda verdade. “E, levantando as Suas mãos, os abençoou” (Lucas 24:50).

A ASCENSÃO

Todo o Céu estava à espera da hora triunfante quando Jesus ascenderia ao Pai. Anjos saíram para receber o Rei da Glória e acompanhá-Lo triunfantemente ao Céu. Depois que Cristo abençoou os discípulos, separou-Se deles e foi conduzido às alturas. Ao subir, a multidão de cativos que havia ressuscitado por ocasião de Sua ressurreição, seguiu-O. Uma multidão do exército celestial estava no cortejo, enquanto, no Céu, uma incontável quantidade de anjos aguardava Sua chegada.

Subindo eles para a santa cidade, os anjos que acompanhavam Jesus clamavam: “Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória” (Salmos 24:7). Os anjos na cidade clamavam com entusiasmo: “Quem é o Rei da Glória?” (Salmos 24:8). Ao que os anjos do séquito respondiam em triunfo: “O Senhor, forte e poderoso, o Senhor, poderoso nas batalhas. Levantai, ó portas, as vossas

cabeças; levantai-vos, ó portais eternos, para que entre o Rei da Glória” (Salmos 24:8, 9). Novamente, os anjos que estavam à espera perguntavam: “Quem é o Rei da Glória?”, e os anjos do acompanhamento respondiam em melodiosos acordes: “O Senhor dos Exércitos, Ele é o Rei da Glória” (Salmos 24:10). Assim, o séquito celestial entrou na cidade de Deus.

Então, todo o exército do Céu rodeou seu majestoso Comandante e, com a mais profunda adoração, prostrou-se diante dEle, lançando suas coroas brilhantes a Seus pés. Em seguida, tocaram as harpas de ouro e, com doces e melodiosos acordes, encheram o Céu todo com admirável música e cânticos ao Cordeiro que havia sido morto, mas vivia novamente em glória e majestade.

A promessa de retorno – Ao olharem os discípulos tristemente para o Céu, a fim de ver pela última vez o Senhor que subia, dois anjos vestidos de branco se puseram ao lado deles. E disseram: “Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado aos Céus, voltará da mesma forma como O viram subir” (Atos 1:11). Os discípulos e a mãe de Jesus, que testemunharam a ascensão do Filho de Deus, passaram a noite seguinte falando a respeito de Seus atos maravilhosos e dos estranhos e gloriosos fatos ocorridos em um curto intervalo de tempo.

A ira do inimigo – O adversário de novo se reuniu com seus anjos e, com ódio violento contra o governo de Deus, disse-lhes que, enquanto ele mantivesse seu poder e autoridade na Terra, seus esforços deveriam ser dez vezes mais fortes contra os seguidores de Jesus. Em nada haviam prevalecido contra Cristo, mas deveriam derrotar Seus seguidores, se possível. Em todas as gerações deveriam procurar colocar armadilhas àqueles que cressem em Jesus. Informou-lhes que o Mestre dera aos discípulos poder para repreendê-los e expulsá-los, bem como para curar os que eles afligissem. Então, os anjos de Satanás saíram como leões rugindo, procurando destruir os seguidores de Cristo.



O afastamento 8

Quando revelou aos discípulos o destino de Jerusalém e as cenas do segundo advento, Jesus predisse também a experiência de Seu povo desde o tempo em que Ele deveria deixá-los até a Sua volta em poder e glória para a libertação deles. Do Monte das Oliveiras, o Salvador contemplou as tempestades prestes a desabar sobre a igreja apostólica. E, avançando mais longe no tempo, Seus olhos contemplaram as terríveis e devastadoras tormentas que desabariam sobre Seus seguidores nos futuros séculos de trevas e perseguição.

Em poucas e breves declarações de tremendo significado, Cristo predisse o que os governadores deste mundo haveriam de impor à igreja de Deus. Os discípulos de Cristo deveriam trilhar o mesmo caminho de humilhação, desprezo e sofrimento sobre o qual seu Mestre havia andado. A inimizade que irrompera contra o Redentor do mundo se manifestaria contra todos os que cressem em Seu nome.

A história da igreja apostólica testemunhou o cumprimento das palavras do Salvador. Os poderes da Terra e do inferno se arregimentaram contra Cristo na pessoa de Seus seguidores. Os pagãos previam que, se o evangelho triunfasse, seus templos e altares desapareceriam. Assim, convocaram suas forças para destruir o cristianismo. As chamas da perseguição foram acesas. Os cristãos eram destituídos de suas posses e expulsos de suas casas. Suportaram “grande luta e sofrimentos” (Hebreus 10:32). Eles “experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões” (Hebreus 11:36). Grande número deles selou seu testemunho com o próprio sangue. Nobres e escravos, ricos e pobres, sábios e incultos foram de igual modo mortos sem misericórdia.

Os esforços de Satanás para destruir violentamente a igreja de Cristo foram em vão. O grande conflito em que os discípulos de Jesus rendiam a vida não cessava quando esses fiéis soldados tombavam em seus postos. Com a derrota, eles venciam. Os obreiros de Deus eram mortos, mas a Sua obra ia avante com firmeza. O evangelho continuava a se espalhar, e o número de seus adeptos só aumentava. Alcançou regiões que eram inacessíveis, mesmo às águias romanas.

Um cristão, discutindo com os governadores incrédulos que fomentavam a perseguição, disse: Vocês podem “nos matar, nos torturar; podem nos condenar. [...] Sua injustiça é prova de que somos inocentes. [...] Nem mesmo sua crueldade [...] servirá para alguma coisa”. Isso foi apenas um convite mais forte para atrair outros à sua fé. “Quanto mais somos ceifados por vocês, tanto mais crescemos em número. O sangue dos cristãos é semente.”¹

Milhares eram aprisionados e mortos, mas outros surgiam para ocupar seus lugares. Os que eram martirizados por sua fé tornavam-se aquisição de Cristo, por Ele considerados vencedores. Eles combateram o bom combate e receberão a coroa de glória quando Cristo retornar. Os sofrimentos que suportavam levavam os cristãos para mais perto uns dos outros e de Seu Redentor. O exemplo deles em vida e seu testemunho ao morrer testificavam constantemente em favor da verdade; e, onde menos se esperava, os súditos de Satanás estavam deixando sua obra e alistando-se sob a bandeira de Cristo.

A grande decadência – Então, Satanás formulou planos para guerrear com mais êxito contra o governo de Deus, hasteando sua bandeira na igreja cristã. Se os seguidores de Cristo pudessem ser enganados e levados a desagradar a Deus, sua força, seu poder e sua firmeza falhariam, e eles cairiam como presa fácil.

Então o grande adversário se esforçou para obter pela astúcia aquilo que não havia conseguido pela força. Cessou a perseguição e, em seu lugar, foi posta a perigosa sedução da prosperidade temporal e da honra do mundo. Idólatras eram levados a receber parte da fé cristã, enquanto rejeitavam outras verdades essenciais. Afirmavam aceitar Jesus como o Filho de Deus e crer em Sua morte e ressurreição, mas não tinham a convicção do pecado nem sentiam necessidade de arrependimento ou de mudança de vida. Com algumas concessões de ambos os lados, pagãos e cristãos se uniam a fim de que todos pudessem estar sobre a plataforma da crença em Cristo.

A igreja encontrava-se, então, em terrível perigo. Prisão, tortura, fogo e espada eram bênçãos em comparação com a nova realidade. Alguns dos cristãos permaneceram firmes, declarando que não cederiam. Outros argumentavam que, se cedessem ou mudassem algumas exigências de sua fé e se unissem aos que aceitavam parcialmente o cristianismo, isso poderia ser o meio para a conversão completa deles. Foi um tempo de profunda

¹ Tertuliano, *Apologeticus*, cap. 50.

angústia para os fiéis seguidores de Cristo. Sob a capa do suposto cristianismo, Satanás estava se introduzindo na igreja a fim de corromper a fé e desviar a mente da Palavra da verdade.

Por fim, a maioria dos cristãos consentiu em baixar a norma, formando-se uma união entre o cristianismo e o paganismo. Embora os adoradores de ídolos dissessem estar convertidos e unidos à igreja, apegavam-se ainda à idolatria, mudando apenas os objetos de culto pelas imagens de Jesus e mesmo de Maria e dos santos. O fermento nocivo da idolatria, assim levado para a igreja, continuou a obra maléfica. Doutrinas erradas, ritos supersticiosos e cerimônias idólatras foram incorporados à fé cristã.

Unindo-se os seguidores de Cristo aos idólatras, a religião cristã se tornou corrupta, e a igreja perdeu sua pureza e seu poder. Entretanto, houve pessoas que não foram desencaminhadas por esses enganos. Mantinham-se ainda fiéis à verdade bíblica e adoravam somente a Deus.

Sempre existiram duas classes entre os que dizem ser seguidores de Cristo. Enquanto uma delas estuda a vida do Salvador e fervorosamente procura corrigir seus defeitos e se adequar ao Modelo, a outra evita as verdades claras e práticas que expõem seus erros. Mesmo em sua melhor condição, a igreja não se compôs unicamente dos verdadeiros, puros e sinceros.

O Salvador ensinou que os que voluntariamente admitem o pecado não devem ser recebidos na igreja. No entanto, Ele aceitou pessoas com falhas de caráter e lhes concedeu os benefícios de Seu ensino e exemplo, para que tivessem oportunidade de ver seus erros e corrigi-los.

Contudo, não há união entre o Príncipe da luz e o príncipe das trevas, e nenhuma união poderá haver entre seus seguidores. Quando consentiram em se unir aos não convertidos, os cristãos entraram em um caminho que os levou para mais longe da verdade. Satanás se alegrou em ter conseguido enganar tão grande número dos seguidores de Cristo. Então usou seu poder para atuar de modo mais intenso sobre eles e os inspirou a perseguir aqueles que permaneceram fiéis a Deus.

Ninguém compreendia tão bem como se opor à verdadeira fé cristã como os que haviam sido seus defensores. Esses cristãos apóstatas, unindo-se aos companheiros pagãos, dirigiram seus ataques contra os aspectos mais importantes das doutrinas de Cristo.

Foi necessária uma luta intensa por parte dos que desejavam ser fiéis e permanecer firmes contra os enganos e abominações disfarçados sob as

vestes sacerdotais e que se introduziam na igreja. A Bíblia não era aceita como a norma de fé. A doutrina da liberdade religiosa era chamada de heresia, sendo odiados e proscritos os seus mantenedores.

Rompimento necessário – Depois de um conflito longo e difícil, os poucos fiéis decidiram dissolver toda a união com a igreja apóstata, caso ela ainda recusasse se libertar da falsidade e da idolatria. Eles viram que, uma vez que desejavam obedecer à Palavra de Deus, a separação era uma necessidade imperativa. Não podiam tolerar erros fatais à sua própria vida nem dar um exemplo que pusesse em perigo a fé por parte de seus filhos e netos.

Para assegurar a paz e a unidade, os fiéis estavam prontos a fazer qualquer concessão coerente com a fidelidade para com Deus; mas acreditavam que mesmo a paz só seria obtida com o alto custo do sacrifício dos princípios. Se a unidade pudesse ser assegurada somente por meio do abandono da verdade e da justiça, seria preferível que prevalecessem as diferenças e as consequentes lutas. Como seria bom, para a igreja e para o mundo, se os princípios mantidos por aquelas pessoas fiéis revivessem no coração dos que se dizem povo de Deus!

O apóstolo Paulo declarou que “todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Timóteo 3:12). Então, por que a perseguição, em grande parte, parece adormecida? A única razão é que a igreja se conformou com a norma do mundo e, por isso, não desperta oposição.

A religião que prevalece em nosso tempo não é do tipo puro e santo que marcou a fé cristã nos dias de Cristo e dos apóstolos. O cristianismo é visivelmente tão popular no mundo por causa da disposição em transigir com o pecado, por serem as grandes verdades da Palavra de Deus consideradas com indiferença e por haver tão pouca consagração na igreja. Se ocorrer um reavivamento da fé e do poder da igreja apostólica, o espírito de opressão reviverá, reacendendo-se as chamas da perseguição.

O MISTÉRIO DA TRANSGRESSÃO

O apóstolo Paulo, na segunda carta aos tessalonicenses, predisse a grande apostasia resultante do estabelecimento do poder papal. Declarou que o dia de Cristo não chegaria “sem que primeiro [visse] a apostasia e [fosse] revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio

Deus” (2 Tessalonicenses 2:3, 4). Além disso, o apóstolo advertiu os irmãos de que o “mistério da iniquidade” já estava em ação (2 Tessalonicenses 2:7). Mesmo naquelas primeiras décadas, ele viu, infiltrando-se na igreja, erros que preparariam o caminho para o desenvolvimento do papado.

Pouco a pouco, o mistério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia, a princípio de forma secreta e silenciosa e, depois, abertamente, à medida que crescia em força e conquistava o domínio da mente dos homens. De forma quase imperceptível, os costumes do paganismo entraram na igreja cristã.

O espírito de concessão e conformidade havia sido restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportara sob o paganismo. No entanto, ao cessar a perseguição e entrar o cristianismo nas cortes e nos palácios dos reis, a igreja deixou de lado a humildade e simplicidade de Cristo e dos apóstolos em troca da pompa e do orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos. Assim, em lugar dos mandamentos de Deus, colocou teorias e tradições humanas.

A conversão nominal do imperador Constantino, na primeira parte do 4º século, causou grande euforia; e o mundo, sob o manto de aparente justiça, introduziu-se na igreja. A obra de corrupção progredia rapidamente. O paganismo, embora parecesse suplantado, tornou-se vencedor. Seu espírito dominava a igreja. As doutrinas, cerimônias e superstições pagãs foram incorporadas à fé e ao culto dos que se diziam seguidores de Cristo.

Esse ajuste mútuo entre paganismo e cristianismo resultou no desenvolvimento do “homem do pecado” (2 Tessalonicenses 2:3), predito na profecia como opondo-se a Deus e exaltando-se acima de Deus. Um gigantesco sistema de religião tornou-se a obra-prima do inimigo de Deus, um monumento de seus esforços para ocupar o trono e governar a Terra segundo a sua vontade.

Para conseguir proveitos e honras seculares, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos homens poderosos da Terra. Havendo assim rejeitado a Cristo, ela foi induzida a prestar obediência ao representante do inimigo de Deus – o bispo de Roma.

Uma das principais doutrinas do cristianismo medieval é a de que o papa é o governante visível da igreja universal de Cristo, investido de autoridade suprema sobre os bispos e pastores em todas as partes do mundo. Mais do que isso, o papa atribui a si mesmo os títulos da Divindade.

No entanto, Satanás sabia que as Escrituras Sagradas habilitariam as pessoas a discernir seus enganos e resistir a seu poder. Foi pela Palavra que

o Salvador do mundo resistiu a seus ataques. Em cada tentação, Cristo apresentou a defesa da verdade eterna, dizendo: “Está escrito” (Mateus 4:4). Cada sugestão do adversário era confrontada com a sabedoria e o poder da Palavra.

A fim de manter seu domínio sobre as pessoas e estabelecer a autoridade do bispo usurpador, Satanás deveria mantê-las ignorantes quanto às Escrituras. A Bíblia exaltaria a Deus e colocaria o homem finito em sua verdadeira posição. Assim, suas verdades sagradas deveriam ser ocultadas e suprimidas.

Essa lógica foi adotada pela igreja de Roma. Durante séculos, a circulação da Bíblia foi proibida. Não era permitido ao povo ler ou ter em casa as Escrituras. Sacerdotes e prelados sem escrúpulos interpretavam seus ensinamentos a fim de favorecer suas pretensões. Dessa forma, o líder da igreja veio a ser quase universalmente reconhecido como substituto de Deus na Terra, munido de autoridade suprema sobre a igreja e o Estado.

Mudados os tempos e as leis – Sendo removido o indicador do erro, Satanás agiu conforme sua vontade. A profecia havia declarado que o papado cuidaria “em mudar os tempos e a lei” (Daniel 7:25). Não demorou para que isso acontecesse.

A fim de proporcionar aos conversos do paganismo uma substituição à adoração de ídolos e promover sua aceitação nominal do cristianismo, foi gradualmente introduzida no culto cristão a adoração a imagens e relíquias. O decreto de um concílio geral estabeleceu, por fim, esse sistema de idolatria. Para completar a obra profana, Roma decidiu eliminar da lei de Deus o segundo mandamento, que proíbe o culto às imagens, e dividir o décimo mandamento, a fim de manter o número dez.

Esse espírito de concessão ao paganismo abriu caminho para um desrespeito ainda maior à autoridade divina. Satanás mexeu também no quarto mandamento e tentou pôr de lado o antigo sábado, o dia que Deus abençoou e santificou, exaltando em seu lugar a festa observada pelos pagãos como “o venerável dia do Sol”.

A princípio, essa mudança não foi feita abertamente. Nos primeiros séculos, o verdadeiro sábado foi guardado por todos os cristãos. Eles eram cuidadosos em honrar a Deus. Credo que a lei divina é imutável, eles zelosamente preservavam a santidade de seus preceitos. Entretanto, com grande sutileza, Satanás atuava por meio de seus agentes a fim de alcançar seu objetivo. Para que a atenção do povo pudesse ser chamada para o domingo, foi feito dele uma festividade em honra à ressurreição de Cristo. Atos religiosos

eram realizados nesse dia. Contudo, era considerado como dia de entretenimento, sendo o sábado ainda observado como dia santificado.

Quando ainda era pagão, Constantino promulgou um decreto fazendo do domingo uma festividade pública em todo o Império Romano. Depois de sua conversão, ele continuou a ser um firme defensor do domingo, e seu decreto pagão foi então posto em vigor no interesse de sua nova fé. No entanto, a honra demonstrada a esse dia não foi o suficiente para impedir que os cristãos considerassem o verdadeiro sábado como o dia santo do Senhor. Outro passo devia ser dado: o falso sábado devia ser exaltado em igualdade com o verdadeiro.

Poucos anos depois da promulgação do decreto de Constantino, o bispo de Roma conferiu ao domingo o título de Dia do Senhor. Assim, o povo foi gradualmente levado a considerar o domingo como tendo certo grau de santidade. No entanto, o sábado original ainda era observado. O inimigo de Deus ainda não havia terminado sua obra. Estava decidido a congregar o mundo cristão sob sua bandeira e exercer o poder por intermédio de seu vigário, o orgulhoso pontífice que dizia ser o representante de Cristo. Ele realizou seu propósito por meio de pagãos parcialmente convertidos, ambiciosos prelados e clérigos amantes do mundo.

Nessa época, celebravam-se de tempos em tempos longos concílios aos quais compareciam os dignitários da igreja do mundo inteiro. Em quase todos os concílios, o sábado que Deus havia instituído era rebaixado um pouco mais, enquanto o domingo era exaltado na mesma proporção. Assim, a festividade pagã veio finalmente a ser honrada como uma instituição divina, ao mesmo tempo que se declarava que o sábado bíblico era uma relíquia do judaísmo, amaldiçoando-se seus observadores.

O grande apóstata conseguira se exaltar “contra tudo que se chama Deus ou é objeto de culto” (2 Tessalonicenses 2:4). Ousou mudar o único preceito da lei divina que, de forma inconfundível, indica a toda a humanidade o único, verdadeiro e vivo Deus criador.

No quarto mandamento, Deus é revelado como o criador do Céu e da Terra, e por isso Se distingue de todos os falsos deuses. Foi para ser um memorial da obra da criação que o sétimo dia foi santificado como dia de repouso. Destinava-se a manter o Deus vivo sempre diante do ser humano como o único digno de reverência e culto. Satanás se esforça para desviar as pessoas de sua aliança com Deus e de prestar obediência à Sua lei. Assim, dirige seus esforços especialmente contra o mandamento que aponta para Deus como o criador.

Hoje, os protestantes insistem na ideia de que a ressurreição de Cristo no domingo tornou esse dia o sábado cristão. Contudo, não há evidência bíblica para isso. Nenhuma honra semelhante foi conferida a esse dia por Jesus ou pelos apóstolos. A observância do domingo como instituição cristã teve origem no “mistério da iniquidade” (2 Tessalonicenses 2:7) que, já no tempo de Paulo, começava sua obra. Onde e quando o Senhor adotou esse produto do papado? Que razão plausível se poderá dar para uma mudança que as Escrituras não aprovam?

No 6º século, o papado foi solidamente estabelecido. A sede de seu poderio foi fixada na capital imperial, e o bispo de Roma foi declarado o dirigente de toda a igreja. O paganismo cederia lugar ao papado. O dragão dera à besta “o seu poder, o seu trono e grande autoridade” (Apocalipse 13:2). Começaram então os 1.260 anos de opressão preditos nas profecias de Daniel e João (Daniel 7:25; Apocalipse 13:5-7).

Os cristãos foram obrigados a optar entre renunciar à sua integridade e aceitar o culto e as cerimônias papais ou passar a vida nas masmorras, morrer por meio de instrumentos de tortura, fogueira ou pelo machado do carrasco. Cumpriram-se as palavras de Jesus: “Vocês serão traídos até por pais, irmãos, parentes e amigos, e eles entregarão alguns de vocês à morte. Todos odiarão vocês por causa do Meu nome” (Lucas 21:16, 17).

Desencadeou-se a perseguição aos cristãos fiéis com mais fúria do que nunca, e o mundo se tornou um vasto campo de batalha. Durante séculos, a igreja de Cristo encontrou refúgio em lugares isolados e pouco conhecidos. Assim disse o profeta: “A mulher [...] fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias” (Apocalipse 12:6).

A ascensão da igreja de Roma ao poder marcou o início da Idade Escura. À medida que o poder dela aumentava, as trevas se tornavam mais densas. A fé foi transferida de Cristo, o verdadeiro fundamento, para o pontífice de Roma.

Em vez de confiar no Filho de Deus para o perdão dos pecados e para a salvação eterna, o povo olhava para o papa e para os sacerdotes e prelados a quem o pontífice delegava autoridade. Era ensinado ao povo que o papa era seu mediador, e que ninguém poderia se aproximar de Deus a não ser por seu intermédio. Além disso, dizia-se que ele ficava em lugar de Deus e deveria, portanto, ser rigorosamente obedecido. Qualquer desvio de suas exigências era motivo suficiente para se infligir a mais severa punição ao corpo e à mente dos divergentes.

Assim, a atenção do povo se desviava de Deus para homens falíveis, os quais cometiam erros e eram cruéis, e, mais ainda, para o próprio príncipe das trevas que, por meio desses homens, exercia seu poder. O pecado se disfarçava sob o manto da santidade. Quando as Escrituras são suprimidas e o ser humano passa a se considerar supremo, só podemos esperar fraudes, enganos e injustiça. Com a elevação das leis e tradições humanas, ficou evidente a corrupção que sempre resulta de se deixar de lado a lei de Deus.

Esse foi um tempo de perigo para a igreja de Cristo. Os líderes fiéis eram realmente poucos. Embora a verdade não fosse deixada sem testemunhas, às vezes parecia que o erro e a superstição prevaleceriam totalmente e que a verdadeira religião seria banida da Terra. Perdeu-se de vista o evangelho, mas se multiplicaram as formalidades da religião, e o povo foi sobrecarregado com pesadas exigências.

Ensinava-se o povo não somente a considerar o papa como mediador, mas a confiar em suas próprias obras para expiação do pecado. Longas peregrinações, atos de penitência, adoração de relíquias, construção de igrejas, relicários e altares, bem como o pagamento de grandes somas à igreja, tudo isso e muitos atos semelhantes eram ordenados a fim de aplacar a ira de Deus ou garantir Seu favor. Sugeria-se com isso que Deus era idêntico aos seres humanos, irritando-se por coisas insignificantes ou acalmando-se com donativos ou atos de penitência.

Os séculos que se seguiram testemunharam um aumento constante de erros nas doutrinas ensinadas por Roma. Mesmo antes do estabelecimento do papado, os ensinamentos dos filósofos pagãos haviam recebido atenção e exercido influência na igreja.

Muitos que se diziam conversos ainda se apegavam aos dogmas de sua filosofia pagã. Continuavam a estudá-los e estimulavam outros a fazer o mesmo, como meio de estender sua influência entre os pagãos. Erros graves foram assim introduzidos na fé cristã. Destaca-se, entre outros, a crença na imortalidade natural do ser humano e sua consciência durante a morte. Essa doutrina lançou o fundamento sobre o qual Roma estabeleceu a invocação dos santos e a adoração da virgem Maria. Dessa concepção também surgiu a heresia do tormento eterno para os que morrem impenitentes, a qual logo de início havia se incorporado à fé papal.

Achava-se então preparado o caminho para a introdução de ainda outra invenção do paganismo, à qual Roma deu o nome de “purgatório” e usou para amedrontar as multidões crédulas e supersticiosas. Com essa

heresia, afirma-se a existência de um lugar de tormento, onde as almas dos que não mereceram condenação eterna devem sofrer castigo por seus pecados e de onde, quando libertas da impureza, são admitidas no Céu.

Ainda outra mentira era necessária para habilitar Roma a se aproveitar dos temores e falhas de seus adeptos. Isso foi suprido pela doutrina das indulgências. Completa remissão dos pecados passados, atuais e futuros e livramento de todas as dores e penalidades eram prometidos a todos os que se alistassem nas guerras do pontífice. O objetivo dessas guerras era estender seu domínio terreno, castigar seus inimigos e exterminar os que ousassem negar-lhe a supremacia espiritual.

Ensinava-se também ao povo que, ao dar dinheiro à igreja, era possível livrar-se do pecado e também libertar as almas de seus queridos falecidos que estivessem condenados às chamas atormentadoras. Por esses meios, Roma abarrotou os cofres e sustentou a magnificência, o luxo e os maus hábitos dos supostos representantes de Jesus, que não tinha onde reclinar a cabeça.

A ordenança bíblica da Ceia do Senhor foi suplantada pelo idólatra sacrifício da missa. Os sacerdotes papais pretendiam, por meio desse disfarce destituído de sentido, transformar os simples pão e vinho literalmente no corpo e sangue de Cristo. Com arrogância, declaravam possuir o poder de “criar o Criador”. Era exigido dos cristãos, sob pena de morte, confessar sua fé nessa heresia, que insulta o Céu. Aqueles que a isso se recusaram foram entregues às chamas.

O meio-dia do papado foi a meia-noite moral do mundo. As Sagradas Escrituras eram quase desconhecidas, não somente pelo povo, mas também pelos sacerdotes. Como os fariseus do passado, os dirigentes cristãos odiavam a luz que revelaria seus pecados. Uma vez removida a lei de Deus – a norma de justiça –, eles exerciam poder sem limites e mantinham vícios sem restrições. Prevalciam a fraude, a avareza e a libertinagem. Não havia crimes que não fossem cometidos para se adquirir riqueza ou posição. Os palácios dos sacerdotes e prelados eram cenários da mais vil devassidão.

Alguns dos pontífices eram culpados de crimes tão revoltantes que os governantes seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja, como seres repulsivos demais para serem tolerados. Durante séculos, não houve progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual havia atingido a cristandade.



A purificação

9

Em suas pesquisas bíblicas, os primeiros cristãos adventistas aprenderam que o santuário terrestre, construído por Moisés de acordo com o modelo a ele mostrado no monte, por ordem de Deus, era uma “alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios” (Hebreus 9:9). Eles entenderam que seus dois espaços sagrados eram “figuras das coisas que estão no Céu” (Hebreus 9:23) e que Cristo, nosso grande sumo sacerdote, é “ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem” (Hebreus 8:2). Além disso, viram que “Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para agora comparecer por nós diante de Deus” (Hebreus 9:24).

O santuário do Céu, no qual Jesus ministra em nosso favor, é o grande original, do qual o santuário construído por Moisés era uma cópia. A exemplo do santuário terrestre que tinha dois compartimentos, o santo e o santíssimo, existem dois lugares sagrados no santuário celestial. A arca contendo a lei de Deus, o altar de incenso e outros utensílios, que estavam no santuário terrestre, também têm sua parte correspondente no santuário celestial. Em visão, foi permitido ao apóstolo João entrar no Céu, e lá ele contemplou o castiçal e o altar de incenso e, quando “foi aberto o santuário de Deus nos Céus”, contemplou também “a arca da Sua aliança” (Apocalipse 11:19).

Os que buscavam a verdade encontraram uma prova irrefutável da existência de um santuário no Céu. Moisés fez o santuário terrestre, segundo o modelo que lhe foi mostrado. Paulo declarou que aquele modelo era o verdadeiro santuário que está no Céu (Hebreus 8:2, 5), e João testemunhou de que o viu lá.

Em 1844, com o fim dos 2.300 dias proféticos, já fazia séculos que o santuário terrestre não existia mais. Portanto, o santuário celestial era o único que poderia ter sido mencionado na declaração “até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado” (Daniel 8:14). Entretanto, por que o santuário celestial precisava de purificação?

Retornando às Escrituras, os estudiosos das profecias aprenderam que a purificação não era uma remoção de impurezas físicas, pois devia ser realizada com sangue e, portanto, tinha que ser uma purificação do pecado. Assim disse o apóstolo: “Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios [o sangue de animais], mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores [o precioso sangue de Cristo]” (Hebreus 9:23).

A fim de obter mais conhecimento da purificação apontada pela profecia, era necessário entender o ministério do santuário celestial. Isso poderia ser aprendido somente pelo ministério do santuário terrestre, visto que Paulo declarou que os sacerdotes que nele oficiavam serviam “em figura e sombra das coisas celestes” (Hebreus 8:5).

A purificação do santuário – Assim como, na antiguidade, os pecados do povo eram transferidos simbolicamente para o santuário terrestre por meio do sangue da oferta pelo pecado, também nossos pecados são, de fato, transferidos para o santuário celestial, mediante o sangue de Cristo. A purificação tipológica do santuário terrestre era efetuada por meio da remoção dos pecados que o haviam contaminado. Da mesma forma, a real purificação do santuário celestial deve ser realizada pela remoção, ou apagamento, dos pecados que ali estão registrados.

Isso requer um exame dos livros de registro para determinar quem, pelo arrependimento dos pecados e fé em Cristo, tem direito aos benefícios de Sua expiação. Portanto, a purificação do santuário envolve uma obra de juízo investigativo. Essa obra é efetuada antes da vinda de Cristo para resgatar Seu povo, pois, quando vier, Sua recompensa estará com Ele para dar a cada um segundo as suas obras (Apocalipse 22:12).

Assim, os que seguiram a luz da palavra profética viram que, em vez de Cristo vir à Terra, ao terminarem os 2.300 dias/anos em 1844, Ele entrou então no lugar santíssimo do santuário celestial a fim de realizar a obra final da expiação, preparatória para Sua segunda vinda.

Quando Jesus entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para efetuar essa obra final da expiação, entregou a Seus servos a última mensagem de misericórdia a ser dada ao mundo. Essa mensagem é a advertência do terceiro anjo de Apocalipse 14. Imediatamente depois dessa proclamação, o profeta viu o Filho do Homem vindo em glória para ceifar a colheita da Terra (Apocalipse 14:14-20).

A purificação do santuário envolve uma obra de juízo investigativo.

Uma solene mensagem – A mais terrível advertência já feita aos seres humanos mortais está contida na terceira mensagem angélica. Deve ser um pecado terrível o que atrai a ira de Deus, sem mistura de misericórdia. As pessoas não deverão ser deixadas na escuridão quanto a esse importante

assunto. O alerta contra esse pecado deve ser dado ao mundo antes da visita dos juízos de Deus, para que todos possam saber por que esses juízos são infligidos e tenham oportunidade de escapar.

No desfecho dessa grande controvérsia, duas classes distintas e opostas se desenvolverão. Uma classe “adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca”, e assim atrai sobre si mesma os terríveis juízos anunciados pelo terceiro anjo. A outra classe, em evidente contraste com o mundo, guarda “os mandamentos de Deus e a fé de Jesus” (Apocalipse 14:9, 12).



O livramento

capítulo

10

Chegará o tempo em que a mensagem do terceiro anjo será concluída. O poder de Deus estará com Seu povo; eles terão cumprido sua obra e estarão preparados para a hora de prova à sua frente. Terão recebido a chuva serôdia, ou o refrigério pela presença do Senhor, e se disposto a testemunhar ativamente. A última grande advertência terá soado por toda parte e haverá instigado e enraivecido os habitantes da Terra que não quiserem receber a mensagem.

Anjos irão rapidamente de um lado para o outro no Céu. Um anjo com um tinteiro de escrivão voltará da Terra e informará a Jesus que sua obra está feita, e os santos estarão numerados e selados. Então Jesus, que estivera ministrando diante da arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançará o incensário fora. Levantará as mãos e, com grande voz, dirá: “Está feito” (Apocalipse 16:17). Todo o exército dos anjos tirará suas coroas quando Jesus fizer a solene declaração: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se” (Apocalipse 22:11).

Cada caso terá sido decidido para a vida ou para a morte. Enquanto Jesus ministra no santuário, o juízo está em andamento sobre os justos mortos e logo passará para os vivos. Cristo receberá Seu reino, tendo feito expiação por Seu povo e apagado seus pecados. Os súditos estarão prontos. As bodas do Cordeiro estarão preparadas. O reino e sua grandeza serão dados a Jesus e aos herdeiros da salvação, e Cristo reinará como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Retirando-Se Jesus do lugar santíssimo, o tilintar das campainhas de Suas vestes será ouvido. Ao sair, uma nuvem de trevas cobrirá os habitantes da Terra. Então, não haverá mediador entre o ser humano culpado e Deus, que foi ofendido. Enquanto Jesus permanece entre Deus e a humanidade, as pessoas estão contidas. No entanto, quando Ele sair de entre o ser humano e o Pai, essa restrição será removida, e Satanás terá completo domínio sobre os que não se arrependeram.

Enquanto Jesus oficia no santuário, é impossível serem derramadas as pragas. Entretanto, terminando ali Sua obra e encerrando-se a intercessão, nada haverá para deter a ira de Deus. Ela irromperá com fúria sobre o pecador desprotegido e culpado, que desprezou a salvação e odiou a verdade.

Naquele tempo terrível, depois de finalizada a mediação de Jesus, os fiéis passarão a viver na presença de um Deus santo sem intercessor. Cada caso estará decidido, cada joia contada. Jesus vai demorar um momento na parte exterior do santuário celestial, e os pecados que tiverem sido confessados enquanto Ele ainda estava no lugar santíssimo serão colocados sobre Satanás, o originador do pecado, que deve sofrer o castigo por eles.¹

Tarde demais! – Então Jesus vai depor Suas vestes sacerdotais e vestirá Seus majestosos trajes. Sobre Sua cabeça haverá muitas coroas, uma encaixada dentro da outra. Cercado pelo exército dos anjos, Ele deixará o Céu. As pragas estarão caindo sobre os habitantes da Terra. Alguns vão acusar a Deus e O amaldiçoar. Outros vão correr para o povo de Deus e pedir que lhes ensinem como escapar dos juízos divinos. No entanto, os fiéis nada terão a lhes dizer. A última lágrima pelos pecadores já terá sido derramada, a última oração aflita terá sido oferecida, suportado o último fardo e dada a última advertência. A voz suave de misericórdia não mais os convidará.

Quando os santos e todo o Céu estiveram interessados em sua salvação, eles não tiveram o menor interesse por si mesmos. A vida e a morte terão sido postas diante deles. Muitos desejaram a vida, mas não fizeram esforços para obtê-la. Não optaram pela vida, e então não haverá sangue expiatório que purifique o culpado, nem Salvador compassivo que pleiteie a favor deles e clame: “Poupa, poupa o pecador por mais algum tempo!” O Céu todo se unirá a Jesus, quando forem ouvidas as terríveis palavras: “Está feito. Está consumado.” O plano da salvação terá sido cumprido, mas poucos terão escolhido aceitá-lo. Silenciando-se a doce voz de

¹ Esse sofrimento de Satanás não deve ser, de forma alguma, comparado ao sofrimento de Cristo em favor da humanidade, como consta na página 43: “Cristo foi feito substituto e penhor do pecador, e a iniquidade humana foi posta sobre Ele”. Mas, depois que os que aceitaram o sacrifício de Cristo forem redimidos, é perfeitamente justo que Satanás, o originador do pecado, sofra a punição final. De acordo com a escritora, “ao se completar a obra de expiação no santuário celestial, na presença de Deus, dos anjos do Céu e do exército dos remidos, então serão postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; ele será declarado culpado de todo o mal que os fez cometer” (*O Grande Conflito*, p. 658).

misericórdia, o medo e o horror vão se apoderar dos ímpios. Com terrível clareza ouvirão as palavras: “Tarde demais! Tarde demais!”

O GRANDE RESGATE

Sinais e maravilhas vão seguir em rápida sucessão. Tudo vai parecer fora de seu curso natural. Os rios deixarão de correr. Nuvens negras e pesadas vão subir e bater umas com as outras. Porém, haverá um lugar claro, de uma glória fixa, de onde virá a voz de Deus, semelhante a muitas águas, abalando os céus e a Terra.

O segundo advento – Logo aparecerá a grande nuvem branca sobre a qual estará sentado o Filho de Deus. A princípio, quando aparecer ao longe, essa nuvem vai parecer bem pequena. Será o sinal do Filho do Homem. Ao se aproximar mais da Terra, serão vistas a suprema glória e majestade de Jesus, enquanto Ele sairá vencendo e para vencer. Um séquito de santos anjos, com coroas brilhantes sobre a cabeça, vai acompanhá-Lo em Seu trajeto.

Palavras não conseguem descrever a glória daquela cena. A nuvem majestosa e de glória insuperável vai se aproximar ainda mais, e poderemos contemplar claramente a adorável pessoa de Jesus. Ele não trará uma coroa de espinhos, mas uma coroa de glória cobrirá Sua fronte santa. Em sua roupa estará escrito o título: “Rei dos reis e Senhor dos senhores.”

Seu rosto brilhará como o Sol do meio-dia. Seus olhos serão como chama de fogo, e Seus pés terão a aparência do latão reluzente. Sua voz soará como muitos instrumentos musicais. A Terra vai tremer diante dEle, os céus se afastarão como um pergaminho quando se enrola e toda montanha e ilha se moverá de seu lugar. Então “os reis da Terra, os príncipes, os generais, os ricos, os poderosos todos, escravos e livres” vão se esconder em “cavernas e entre as rochas das montanhas”. Eles vão gritar às montanhas e às rochas: “Caíam sobre nós e escondam-nos da face dAquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro! Pois chegou o grande dia da ira dEles; e quem poderá suportar?” (Apocalipse 6:15-17).

Aqueles que, pouco tempo antes, queriam exterminar da Terra os fiéis filhos de Deus vão testemunhar então a glória divina que se concentrará sobre eles. Em meio a todo o seu espanto, se ouvirão as vozes dos santos

em alegres acordes, dizendo: “Eis que Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará” (Isaías 25:9).

A primeira ressurreição – A Terra ficará extremamente agitada quando a voz do Filho de Deus chamar os santos que dormem o sono da morte. Eles responderão ao chamado e sairão revestidos de gloriosa imortalidade, clamando: “Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1 Coríntios 15:54, 55).

Então os santos vivos e os ressuscitados erguerão a voz em uma aclamação de vitória, longa e arrebatadora. Corpos que desceram à sepultura levando os sinais da enfermidade e da morte ressurgirão com saúde e vigor imortais. Os santos vivos serão transformados em um momento, um abrir e fechar de olhos, e serão arrebatados com os ressuscitados; e juntos encontrarão o Senhor nos ares. Que encontro glorioso! Amigos que a morte separou serão reunidos para nunca mais se separarem.

A RECOMPENSA DOS SALVOS

Jesus conduzirá a multidão dos remidos até a entrada da cidade. Ele vai segurar o portão e girar suas dobradiças brilhantes e mandará que entrem as nações que seguiram a verdade. Dentro da cidade, haverá de tudo para satisfazer os olhos. Contemplarão por toda parte uma glória maravilhosa.

Então, Jesus levará Seu povo à árvore da vida, e novamente ouvirão Sua voz adorável, mais preciosa do que qualquer música que já tenha sido ouvida por mortais, dizendo: “As folhas da árvore são para a saúde das nações’ (Apocalipse 22:2). Comam todos dela.” Na árvore da vida há um fruto belíssimo, do qual os santos poderão comer livremente. Na cidade há um trono muito glorioso, do qual provém um rio puro da água da vida, claro como cristal. De cada lado desse rio estará a árvore da vida e, nas margens, haverá outras belas árvores, que produzirão frutos bons para comer.

As palavras são limitadas demais para tentar descrever o Céu. À medida que as cenas surgem diante de mim, fico completamente maravilhada. Impressionada pelo insuperável esplendor e a excelente glória, solto a caneta e exclamo: “Que amor! Que amor maravilhoso!” As palavras mais rebuscadas não conseguem descrever a glória do Céu nem a profundidade incomparável do amor do Salvador.



Após a segunda vinda de Cristo, os ímpios terão sido destruídos e seus corpos estarão na superfície da Terra. O planeta terá a aparência de um deserto desolado. Cidades e povoados, devastados pelo terremoto, estarão em ruínas. Montanhas terão sido removidas de seus lugares, formando grandes crateras. Enormes pedras, lançadas pelo mar ou arrancadas da própria terra estarão espalhadas por toda parte. Grandes árvores terão sido arrancadas pela raiz e estarão jogadas pelo chão. Essa será a morada de Satanás com seus anjos maus durante mil anos. Ali ele estará fadado a vagar sem rumo, pelo mundo devastado, para ver os efeitos de sua rebelião contra a lei de Deus. Durante mil anos, ele poderá experimentar o fruto da maldição que causou.

Restrito apenas à Terra, Satanás não terá o privilégio de percorrer outros planetas para tentar e prejudicar os que não caíram. Durante esse tempo, ele sofrerá extremamente. Desde a rebelião, sua má índole tem estado em constante atividade. No entanto, ele deve ser destituído de seu poder e deixado a refletir no papel que desempenhou. Aguardará com horror o futuro terrível, em que deverá sofrer por todo o mal que realizou e ser castigado por todos os pecados que fez a humanidade cometer.

Então, tronos no Céu serão ocupados, e Jesus e os santos remidos vão sentar-se sobre eles. Os fiéis reinarão como reis e sacerdotes. Cristo, unido a Seu povo, terá julgado os ímpios mortos, comparando seus atos com o código divino: a Palavra de Deus. Ele terá decidido cada caso de acordo com as obras praticadas (2 Coríntios 5:10). Será designada aos ímpios a parte que devem sofrer, segundo suas obras; e isso estará escrito à frente de seus nomes, no livro da morte. Satanás e seus anjos também terão sido julgados por Jesus e os santos.

Depois que se concluir o juízo dos ímpios, no fim dos mil anos, Jesus deixará a cidade; e os salvos, bem como um cortejo do exército angelical, vão acompanhá-Lo. Cristo descerá sobre uma grande montanha, a qual se partirá no momento em que Seus pés a tocarem, formando uma grande

planície. Então, olharemos para cima e veremos a grande e bela cidade, com doze fundamentos e doze portas, três de cada lado e um anjo em cada porta. Exclamaremos: “A cidade! A grande cidade! Vem descendo de Deus, do Céu!” Ela descerá em todo o seu esplendor e deslumbrante glória e se fixará na grande planície que Jesus terá preparado para ela.

A segunda ressurreição – A seguir, Jesus sairá da cidade, acompanhado de todos os santos anjos e de todos os remidos. Os anjos rodearão seu Comandante e O acompanharão em Seu trajeto. Em seguida, virá o cortejo dos remidos.

Com extraordinária e impressionante majestade, Cristo chamará então, os ímpios mortos; e eles ressurgirão com o mesmo corpo fraco e doente com que foram à sepultura. Que imagem! Que cena! Na primeira ressurreição, todos saíram com exuberância imortal, mas, na segunda, os indícios da maldição serão visíveis em todos.

Procurarão se esconder nas rochas, para se proteger da glória terrível dAquele que uma vez desprezaram. Oprimidos e afligidos por Sua majestade e magnífica glória, unanimemente levantarão a voz e, com clareza impressionante, exclamarão: “Bendito O que vem em nome do Senhor!” (Mateus 23:39).

Então, Jesus e os anjos celestiais, acompanhados por todos os santos, entrarão de novo na cidade, e as lamentações amarguradas e o choro dos ímpios condenados encherão os ares. Satanás novamente começará sua obra. Passará por entre seus súditos e fortalecerá os fracos, dizendo-lhes que ele e seus anjos são poderosos. Ele apontará para os incontáveis milhões que terão ressuscitado. Haverá guerreiros poderosos e reis que foram muito hábeis em batalhas e que conquistaram reinos. Haverá gigantes e homens valentes que nunca perderam uma batalha. Ali estará o orgulhoso e ambicioso Napoleão, cuja aproximação fazia reinos tremerem. Ali estarão homens de elevada estatura e porte nobre, que morreram em batalha, sedentos de conquista.

Ao surgirem de suas sepulturas, recuperarão a linha de seu pensamento no ponto em que havia sido interrompido por ocasião da morte. Terão o mesmo desejo de conquista que os controlava quando morreram no campo de batalha. Satanás se reunirá com seus anjos e, em seguida, com aqueles reis, conquistadores e homens poderosos. Ele olhará então para o vasto exército e dirá que a multidão na cidade é pequena e fraca,

e que eles podem subir e tomá-la, expulsar seus habitantes e dominar suas riquezas e sua glória.

Satanás irá enganá-los, e todos começarão imediatamente a se preparar para a batalha. Haverá muitos homens hábeis naquele vasto exército, e prepararão todos os tipos de instrumentos de guerra. Então, com Satanás à sua frente, a multidão se colocará em movimento. Reis e guerreiros seguirão imediatamente após Satanás, e as multidões virão atrás, em companhias. Cada companhia terá seu líder e marchará em ordem sobre a superfície fragmentada da Terra em direção à santa cidade. Jesus fechará as portas da cidade, e o vasto exército vai cercá-la e se posicionar para a batalha, esperando um conflito acirrado.

A COROAÇÃO FINAL

Então Cristo aparecerá novamente diante de Seus inimigos. Muito acima da cidade, sobre um fundamento de ouro polido, estará um trono alto e sublime. Sobre esse trono Se assentará o Filho de Deus e, ao redor dEle, estarão os súditos de Seu reino. Nenhuma língua poderá descrever nem caneta alguma retratar o poder e a majestade de Jesus. A glória do Pai eterno envolverá Seu Filho. O resplendor de Sua presença encherá a cidade de Deus e se estenderá para além das portas, inundando a Terra inteira com seu brilho.

Junto ao trono estarão pessoas que foram zelosas na causa de Satanás, mas que, arrancadas como tições do fogo, seguiram o Salvador com devoção profunda. Em seguida, estarão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio à falsidade e à incredulidade, os que honraram a lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires por sua fé. Mais distante, estará a “multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, [...] vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos” (Apocalipse 7:9). Sua luta terá terminado; a vitória estará ganha. Esses terão corrido e alcançado o prêmio. O ramo de palmas em suas mãos será um símbolo de seu triunfo; as vestes brancas, um emblema da imaculada justiça de Cristo.

Os redimidos entoarão um cântico de louvor que ecoará repetidas vezes na abóbada celeste: “Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro” (Apocalipse 7:10). Anjos e serafins unirão sua voz a eles em adoração. Tendo os redimidos contemplado o poder e a malignidade de

Satanás, verão, como nunca antes, que poder algum, a não ser o de Cristo, poderia tê-los feito vencedores. Em toda aquela resplendente multidão, não haverá ninguém que atribua a salvação a si mesmo, como se tivesse prevalecido pelo próprio poder e pela própria bondade. Nada se dirá do que tiverem feito ou sofrido; antes, o tema de cada cântico, a nota tônica de todo hino, será “salvação ao nosso Deus [...] e ao Cordeiro” (Apocalipse 7:10).

Na presença dos habitantes da Terra e do Céu reunidos, será realizada a coroação final do Filho de Deus. Nesse momento, investido de majestade e poder supremos, o Rei dos reis pronunciará a sentença sobre os rebeldes contra Seu governo e executará justiça sobre aqueles que transgrediram Sua lei e oprimiram Seu povo.

O profeta de Deus disse: “Vi um grande trono branco e Aquele que nele Se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras” (Apocalipse 20:11, 12).

Logo que os livros de registro forem abertos, e o olhar de Jesus incidir sobre os ímpios, eles se recordarão de todo pecado cometido. Verão exatamente onde seus pés se desviaram do caminho da pureza e santidade, precisamente até onde o orgulho e a rebelião os levaram na violação da lei de Deus. As tentações sedutoras às quais se entregaram na transigência com o pecado, as bênçãos deturpadas, as demonstrações de misericórdia recusadas pelo coração obstinado e impenitente – tudo aparecerá como que escrito em letras de fogo.

Uma visão do conflito – Então, por cima do trono se revelará a cruz; e, semelhante a uma vista panorâmica, aparecerão as cenas da tentação e da queda de Adão e os passos sucessivos no grande plano da redenção: o humilde nascimento do Salvador; Sua infância de simplicidade e obediência; Seu batismo no Jordão; o jejum e a tentação no deserto; Seu ministério público, desvendando aos homens as mais preciosas bênçãos do Céu; os dias repletos de atos de amor e misericórdia; Suas noites de oração e vigília na solidão das montanhas; as tramas de inveja, ódio e

maldade, com que eram retribuídos os Seus benefícios; a terrível e misteriosa agonia no Getsêmani, sob o peso esmagador dos pecados do mundo inteiro; Sua traição nas mãos da multidão assassina; os terríveis acontecimentos daquela noite de horror – o Prisioneiro que não oferecia resistência, abandonado por Seus discípulos mais amados, rudemente conduzido pelas ruas de Jerusalém; o Filho de Deus exibido exultantemente diante de Anás, acusado no palácio do sumo sacerdote, no tribunal de Pilatos, diante do covarde e cruel Herodes, escarnecido, insultado, torturado e condenado à morte – tudo será retratado nitidamente.

Em seguida, diante da multidão agitada, serão reveladas as cenas finais: o paciente Sofredor trilhando o caminho do Calvário; o Príncipe do Céu suspenso na cruz; os sacerdotes arrogantes e a multidão zombadora escarnecendo de Sua agonia mortal; as trevas sobrenaturais; a Terra a tremer, as rochas despedaçadas e as sepulturas abertas, marcando o momento em que o Redentor do mundo entregou a vida.

O terrível espetáculo mostrará exatamente o que aconteceu. Satanás, seus anjos e súditos não terão como se desviar da representação de sua própria obra e vida. Cada ator lembrará a parte que desempenhou: Herodes, matando as crianças inocentes de Belém, a fim de destruir o Rei de Israel; a malvada Herodias, sobre cuja alma criminososa pesa o sangue de João Batista; o fraco e oportunista Pilatos; os soldados zombadores; os sacerdotes e príncipes e a multidão enfurecida que clamou: “Caia sobre nós o Seu sangue e sobre nossos filhos!” (Mateus 27:25) – todos contemplarão a dimensão de seu crime. Inutilmente tentarão se ocultar da majestade divina do rosto de Jesus, mais resplandecente que o Sol, enquanto os remidos lançam suas coroas aos pés do Salvador, exclamando: “Ele morreu por mim!”

Entre a multidão resgatada, estarão os apóstolos de Cristo, o valente Paulo, o fervoroso Pedro, o amado e afetuoso João, seus fiéis irmãos e, com eles, o vasto exército dos mártires. Ao mesmo tempo, fora dos muros, com tudo o que é ruim e abominável, estarão aqueles pelos quais foram perseguidos, presos e mortos.

Ali estará Nero, aquele monstro cruel e imoral, contemplando a alegria e exaltação daqueles que ele torturou e em cujas aflições mais extremas encontrou prazer satânico. Sua mãe estará ali para testemunhar o resultado de sua própria obra; para ver como os maus traços de caráter transmitidos a seu filho, os desejos cultivados e desenvolvidos por sua

influência e seu exemplo, produziram frutos nos crimes que fizeram o mundo estremecer.

Ali estarão sacerdotes e prelados romanistas, que alegaram ser embaixadores de Cristo e, no entanto, fizeram uso de instrumentos de tortura, da masmorra e da fogueira para dominar a consciência de Seu povo.

Ali estarão os orgulhosos pontífices que se exaltaram acima de Deus e ousaram mudar a lei do Altíssimo. Aqueles pretensos pais da igreja têm uma conta a prestar a Deus, da qual desejariam muito se livrar. Eles terminarão vendo tarde demais que o Onisciente é zeloso de Sua lei, e que, de nenhuma forma, terá por inocente o culpado. Entenderão que, para Cristo, os interesses de Seu povo sofredor também são Seus; e sentirão a força de Suas palavras: “Digo-lhes a verdade: O que vocês fizeram a algum dos Meus menores irmãos, a Mim o fizeram” (Mateus 25:40).

Diante do tribunal – Todo o mundo ímpio estará em julgamento perante o tribunal de Deus, acusado de alta traição contra o governo do Céu. Não haverá ninguém para pleitear sua causa. Estarão sem desculpa, e a sentença de morte eterna será pronunciada contra eles.

Ficará então evidente a todos que o salário do pecado não é nobre independência e vida eterna, mas escravidão, ruína e morte. Os ímpios verão o que perderam em consequência de sua vida de rebeldia. O excelente e eterno peso de glória (2 Coríntios 4:17) foi desprezado quando lhes era oferecido; mas quão desejável lhes parecerá naquele momento! “Tudo isso eu poderia ter ganhado”, exclamará o perdido. “Mas preferi manter essas coisas longe de mim. Que presunção

Os ímpios verão o que perderam em consequência de sua vida de rebeldia.

absurda! Troquei a paz, a felicidade e a honra pela miséria, infâmia e desespero.” Todos verão que sua exclusão do Céu é justa. Por sua vida declararam: “Não queremos que Este reine sobre nós” (Lucas 19:14).

Como que extasiados, os ímpios contemplarão a coroação do Filho de Deus. Verão em Suas mãos as tábuas da lei divina, os estatutos que desprezaram e transgrediram.

Eles testemunharão as expressões de admiração, alegria e adoração por parte dos salvos. Ao se propagar a melodia pelas multidões fora da cidade,

todos unidos exclamarão: “Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações!” (Apocalipse 15:3) e, prostrando-se, adorarão o Príncipe da vida.

A segunda morte – Satanás parecerá paralisado ao contemplar a glória e majestade de Cristo. Aquele que foi um querubim cobridor se lembrará de onde caiu. Ele, um serafim resplandecente, “filho da alva” (Isaías 14:12), mudou tanto; como se rebaixou!

Ele verá que sua rebelião voluntária o inabilitou para o Céu. Desenvolveu suas habilidades para guerrear contra Deus. A pureza, paz e harmonia do Céu lhe seriam uma tortura extrema. Suas acusações contra a misericórdia e a justiça de Deus silenciaram naquele momento. A culpa que se esforçou para lançar sobre o Criador recairá totalmente sobre ele. Então Satanás se curvará e confessará a justiça de sua sentença.

Todas as questões sobre a verdade e o erro no prolongado conflito serão esclarecidas. A justiça de Deus estará plenamente vindicada. Perante o universo será apresentado, de maneira clara, o grande sacrifício feito pelo Pai e o Filho em favor do ser humano. Chegará o momento em que Cristo ocupará Sua devida posição, sendo glorificado acima dos principados e potestades e sobre todo nome.

Apesar de Satanás ser compelido a reconhecer a justiça de Deus e a curvar-se à supremacia de Cristo, seu caráter permanecerá sem mudança. O espírito de rebelião, como uma forte corrente, se manifestará de novo. Transtornado, ele decidirá não se render no grande conflito. Chegará o tempo para a última e desesperada luta contra o Rei do Céu. Ele sairá em direção a seus aliados e se esforçará para inspirá-los com sua fúria, incitando-os a uma batalha imediata. Mas, entre todos os incontáveis milhões que seduziu à rebelião, não haverá ninguém que reconheça sua supremacia. Seu poder terá chegado ao fim.

Os ímpios estarão cheios do mesmo ódio a Deus, o qual inspira Satanás; porém, eles verão que seu caso é sem esperança, que não podem prevalecer contra Deus. Então, a ira deles se acenderá contra Satanás e contra os que foram seus instrumentos de engano. Com fúria demoníaca, se voltarão contra eles. Haverá, assim, uma cena de conflito universal.

Então se cumprirá a palavra profética: “Porque a indignação do Senhor está contra todas as nações, e o Seu furor, contra todo o exército delas;

Ele as destinou para a destruição e as entregou à matança” (Isaías 34:2). “Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice” (Salmos 11:6). Da parte de Deus, descera fogo do céu. A terra se fenderá. Serão expostas as armas escondidas em suas profundezas. Chamas devoradoras irromperão de cada abismo aberto. As próprias rochas arderão.

O dia “ardente como uma fornalha” (Malaquias 4:1) terá chegado. Os elementos se fundirão pelo intenso calor, e toda a Terra e as obras que nela houver serão queimadas (2 Pedro 3:10). O fogo mais intenso está preparado para o rei, o líder da rebelião. A fogueira será profunda e ampla, e “o sopro do Senhor, como uma torrente de enxofre ardente, a [incendiará]” (Isaías 30:33). A superfície da Terra parecerá uma massa fundida, um vasto e fervente lago de fogo. Será o tempo do juízo e da ruína dos homens maus, “o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela causa de Sião” (Isaías 34:8).

Os ímpios receberão sua recompensa na Terra (Provérbios 11:31). Eles “serão como palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos” (Malaquias 4:1). Alguns serão destruídos em um momento, enquanto outros sofrerão muitos dias. Todos serão punidos segundo suas ações. Tendo sido os pecados dos justos transferidos para Satanás, o originador do mal, ele deverá suportar seu castigo.* Assim, ele terá de sofrer não somente pela própria rebelião, mas por todos os pecados que fez o povo de Deus cometer. O castigo dele deverá ser muito maior do que o daqueles a quem enganou. Depois que perecerem todos os que caíram por seus enganos, ele ainda deverá sofrer mais. Nas chamas purificadoras, os ímpios serão finalmente destruídos, raiz e ramos – Satanás, a raiz, e seus seguidores, os ramos. A justiça de Deus será executada, e os santos e toda a multidão de anjos dirão em alta voz: “Amém!”

Enquanto a Terra estiver envolta nas chamas da vingança de Deus, os justos permanecerão em segurança na cidade santa. Sobre os que tiverem parte na primeira ressurreição, a segunda morte não terá poder (Apocalipse 20:6). Ao mesmo tempo que é um fogo consumidor para os ímpios, Deus é tanto sol quanto escudo para Seu povo (Salmos 84:11).¹

¹ Ver nota da p. 67.



O recomeço

capítulo

12

“**V**i novo céu e nova Terra, pois o primeiro céu e a primeira Terra passaram” (Apocalipse 21:1). O fogo que consome os ímpios purificará a Terra. Todo vestígio de maldição será removido. Nenhum inferno a arder eternamente conservará as terríveis consequências do pecado perante os redimidos. Apenas uma lembrança permanecerá: o Redentor levará para sempre os sinais de Sua crucifixão. Em Sua fronte ferida, em Seu lado, em Suas mãos e pés estarão os únicos vestígios da obra cruel que o pecado efetuou.

“Ó torre do rebanho, ó fortaleza da cidade de Sião, o antigo domínio lhe será restaurado” (Miqueias 4:8). Cristo resgatou o reino perdido pelo pecado, e os redimidos o possuirão com Ele. “Os justos herdarão a Terra e nela habitarão para sempre” (Salmos 37:29).

Ao considerar a maneira como a Palavra de Deus descreve a nova Terra prometida, muitos têm receio de fazer com que a herança futura pareça muito material e tangível. Isso tem levado as pessoas a espiritualizar as verdades que afirmam que a nova Terra será o nosso lar. Cristo garantiu aos discípulos que foi preparar moradas para eles na casa de Seu Pai. Os que aceitam os ensinamentos da Palavra de Deus não devem ser ignorantes com respeito à morada celestial.

Entretanto, o apóstolo Paulo declarou: “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam” (1 Coríntios 2:9). A linguagem humana não consegue descrever a recompensa dos justos. Será conhecida apenas por aqueles que a contemplarem. Nenhuma mente finita consegue compreender a glória do paraíso de Deus.

Na Bíblia, a herança dos salvos é chamada de pátria (Hebreus 11:14-16). Ali o Pastor celestial conduz Seu rebanho às fontes de água viva. A árvore da vida produz seu fruto de mês em mês, e as folhas são para a saúde das nações. Existem torrentes sempre a fluir, claras como cristal, e, ao lado delas, árvores agitando-se suavemente projetam sua sombra sobre os

caminhos preparados para os resgatados do Senhor. Ali as extensas planícies se expandem na direção de lindas colinas, e as montanhas de Deus se erguem até os pontos mais altos. Nessas pacíficas planícies, ao lado daquelas correntes cristalinas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará seu lar permanente.

A Eterna Jerusalém – Na nova Terra estará a Nova Jerusalém. Tendo “a glória de Deus”, sua luz é “semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente” (Apocalipse 21:11). O Senhor declara: “Exultarei por causa de Jerusalém e Me alegrarei no Meu povo” (Isaías 65:19). “Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (Apocalipse 21:3, 4).

Na cidade de Deus “não haverá noite” (Apocalipse 21:25). Ninguém necessitará ou desejará repouso. Não haverá cansaço em viver segundo a vontade de Deus e em oferecer louvor a Seu nome. Sempre sentiremos o frescor da manhã, que nunca terá fim. “Nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do Sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles” (Apocalipse 22:5).

A luz do Sol será substituída por um brilho não ofuscante, embora supere grandemente o esplendor do Sol ao meio-dia. A glória de Deus e do Cordeiro inundará a cidade santa, com uma luz que nunca se apagará. Os redimidos andarão na glória de um dia perpétuo, independente do Sol.

“Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor” (Apocalipse 21:22). Os fiéis terão o privilégio de manter comunhão direta com a Divindade. “Agora, vemos como em espelho, obscuramente” (1 Coríntios 13:12). Contemplamos a imagem de Deus refletida como em um espelho, nas obras da natureza e em Seu relacionamento com os seres humanos. Mas, então, nós O conheceremos face a face, sem uma cortina de separação. Estaremos em Sua presença e contemplaremos a glória de Sua face.

Ali, a mente dos redimidos imortais contemplará, com prazer infinito, as maravilhas do poder criador e os mistérios do amor que redime. Ali não haverá adversário ou enganador, para nos tentar ao esquecimento de Deus. Todas as habilidades se desenvolverão, e serão ampliadas todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará a mente nem

esgotará as energias. Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações e realizadas as mais altas ambições. Na nova Terra, surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as aptidões da mente, da alma e do corpo.

Ao transcorrerem os anos da eternidade, haverá mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais as pessoas aprenderem a respeito de Deus, mais vão admirar Seu caráter. Na medida em que Jesus revelar aos salvos as riquezas da redenção e os fatos surpreendentes do grande conflito com Satanás, o coração deles vai pulsar com mais forte devoção, e com mais arrebatadora alegria vão dedilhar as harpas de ouro. Cada vez mais, milhares de milhares e milhões de milhões de vozes se unirão para ampliar o potente cântico de louvor ao Deus eterno.

“Então, ouvi que toda criatura que há no Céu e sobre a Terra, debaixo da Terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 5:13).

Pecado e pecadores não mais existem. O Universo inteiro está purificado, e o grande conflito terminou para sempre.

Se você gostou da
mensagem deste livro
e deseja mais
informações, visite:
esperanca.com.br



Você também pode entrar em contato conosco pelo e-mail:
atendimento@esperanca.com.br
ou escrever para o Projeto Esperança
Caixa Postal 7, Jacareí, SP, CEP 12300-970



Se preferir, ligue: **(12) 2127-3121**



Conheça a Rádio e a TV Novo Tempo:
novotempo.com



Visite uma Igreja Adventista do Sétimo Dia mais perto de sua casa:
encontreumaigreja.com.br

Como lar dos seres humanos, a Terra tem sido o palco de um conflito milenar, em que o mal parece muitas vezes prevalecer. Guerras, terremotos, devastações, doenças... Até quando tudo isso vai durar?

Este pequeno livro abre uma porta para um mundo melhor. Um futuro glorioso aguarda aqueles que forem resgatados daqui para a eternidade.

Você não pode deixar de conhecer essa fascinante história de resgate. Ao entendê-la, você poderá fazer parte dela e encontrará esperança em meio à tempestade!

Ellen G. White (1827-1915) está entre os escritores mais traduzidos no mundo, com livros publicados em mais de 160 línguas. Escreveu sobre temas variados, como saúde, religião, educação e história. Só em português, são mais de 110 títulos de sua autoria.

